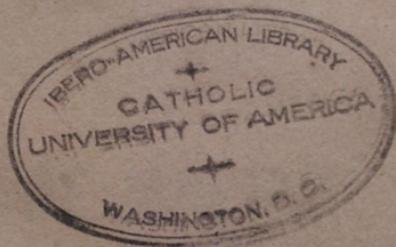


23

Pamphlet
19thCent
204



INFERNO E PARAISO

Comedia drama em 2 actos

ORIGINAL DE

V. Henriques dos Santos Carvalho.

Approvado pelo Conservatorio Dramatico Brasileiro.

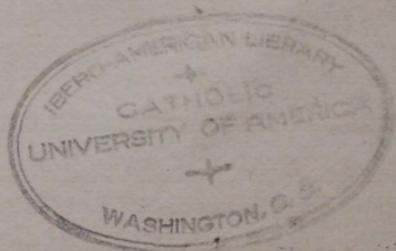


RIO DE JANEIRO

TYP. — POPULAR — DE AZEREDO LEITE,

RUA NOVA DO OUVIDOR N. 9.

1862



Pamphlet
19th Cent
204

6365.

PERSONAGENS

D. Julia, esposa de	38 annos
Gilberto Pedroso, rico negociante	39 annos
D. Henriqueta, filha dos dous	18 annos
O barão do Carmo	50 annos
D. Sophia, sua filha	17 annos
José da Silveira, caixeiro de Gilberto	18 annos
Cosme Pedroso, aldeão recém-chegado de Portugal	35 annos
Augusto dos Santos, rapaz da moda	22 annos
Benedicto, moleque preto	16 annos

Rio de Janeiro.—Actualidade.

ACTO I

Gabinete elegante em casa de Gilberto, servindo de escriptorio. Secretaria, estante com livros, etc., etc. Portas lateraes e ao fundo.

SCENA I.

JOSE' (*só sentado a uma mesa, tendo diante de si um livro que raspa com um canivete*) Ou bem ser poeta, ou bem ser caixeiro!... Já com esta é hoje a decima vez que levo o nome della ao copiador! (*acabando de raspar*) Bem... Ora tenho pena de riscar tão lindo nome para ir pôr em vez delle... (*escrevendo e fallando*) Srs. Mauricio e Seabra.—Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1861. Minas.—Amigos e senhores.—Estou de posse de seu favor com data de 2 do corrente, e bem assim da letra de 4:000\$... (*declamando*) Ai... ai... meus amores!... (*continuando*) Saccada por Vms. á minha ordem, a 15 dias de vista, sobre a Sra. D. Henriqueta... (*em explosão*) Com trezentos mil... Undecima vez! sempre o nome della!! (*raspando*) Está decidido: é D. Henriqueta quem aceita os saques, quem paga letras, quem dá dinheiro a premio e quem .. quem me põe a cabeça n'um volcão! (*acabando de raspar*) Bom! esta raspadella não se conhece muito... (*escrevendo*) De vista so... bre... os... ban... quei... ros... Sou... to... e Com... pa... nhia. (*levantando-se*) Nem mais uma linha! (*pausa*). E se em recompensa dos meus soffrimentos obtivesse um olhar, ao menos, de commiseração, um sorriso daquelles labios de anjo, uma palavra só que transformasse o meu leito de espinhos n'uma cama de rosas, e este inferno em paraíso, oh! seria muito feliz!... (*pausa*) Mas hei de eu desanimar? hei de descreer da força do amor?... não! hei de conquista-la pela poesia, como Petrarcha conquistou a sua Laura... E' um soneto que bastantes raspadellas custou ao livro... (*tirando um papel de entre as folhas do livro*) ha de agradar!... (*abrindo-o*) levará ainda algum erro?! Que importa, tambem ella de poesia entende pouco (*lendo*): A' Exma. Sra. D. Henriqueta Pedroso de Avellar offerece José da Silveira Cascaes:

Vibra a lyra minha, exalta o canto
Que de Órpheo terei o didelhar,
Para em versos cadentes tributar
A' Henriqueta, meu amor puro e santo.
E se os sons accordes puder tanto
Se a melodia seu peito conquistar :
Saberá quanto póde o bardo amar
Quando, como ella, tem celestes encanto !
Assim, pois, Henriqueta, meu destino :
Attende ao meu amor, minha paixão;
Compadece-te, tem dó do peregrino ;
Aceita, sim, minha vida, o coração,
Pois que o fado será mais que divino
Se alcançar puder um tal condão !

(*dobrando o papel*) Se não é um soneto-modelo, ao menos resta-me a consolação que não foi estropeado de algum volume de poesias esquecidas, como o fazem muitos finórios que querem passar por aspirantes a Calliope. Agora resta-me fazer chega-lo ás suas preciosas mãos !... mas como ? (*Benedicto assoma á porta do fundo.*) Se eu tivessees alguém...

SCENA II.

JOSE' E BENEDICTO.

BENEDICTO (*descendo à scena*): Senhô moço Zuzé, chamou ?

JOSE'. Oh ! foi o céu que te enviou ! (*mettendo-lhe o papel na mão*) toma...

BENEDICTO. Já tomou, sim senhô.

JOSE'. Anda, vai...

BENEDICTO. Aonde vai, senhô moço ?...

JOSE'. Não sabes para que é isso ?

BENEDICTO. Saberei se m'o disser, sim senhô. ... (*abrindo o papel*) parece papézinho de embrulhá rebuçado de estalinho !...

JOSE'. Não, tôlo !...

BENEDICTO (*reparando*). Ah !... escrivido ao comprido... montinho a montinho... Eh !!! E' verso, senhô moço...

JOSE'. Sabes para o que elle é ?

BENEDICTO (*sorrindo-se com malicia*). A modo que vou advinhando, sim senhô... á nhanhã...

JOSE'. No bolsinho do vestido ..

BENEDICTO. Mas senhô moço ainda não deu *aquillo* que prometteu o outro dia p'ra eu !...

JOSE'. (*dando-lhe uma moeda de prata*). Toma, vai-te...

BENEDICTO (*recebendo*). Este é do outro dia; daquelle que foi de papézinho côr de rosa, e agora...

JOSE'. — Está bom, toma (*dando-lhe outra moeda*), não me consummas mais.

BENEDICTO (*tomando o dinheiro e sorrindo-se*). Outra vez é mais cinco tostãozinko...

JOSE'. Oh! diabo!

BENEDICTO. Não precisa zangá, não senhô !... (*sahe asso- biando.*)

JOSE'. Até o moleque quer agiolar com o seu emprego!... De boa vontade o recompensaria se eu obtivesse o meu fim, mas...

AUGUSTO (*á porta do fundo*). Dás licença, ó Silveira?...

JOSE'. Oh! Augusto!! Entra meu amigo!...

SCENA III.

JOSE' E AUGUSTO.

AUGUSTO (*descendo á scena*). Como vais, ó José?... (*aper- tando-lhe a mão*). Oh! a modo que te vejo com uma cara...

JOSE' (*sorrindo-se*). Então querias ver-me com duas?...

AUGUSTO. Quero dizer : uma cara de desmamar crianças!...

JOSE'. Isto é supposição.

AUGUSTO. Ummm... derrubão-se-te os castel os.. apre- sentão-se novas barreiras... Tem paciencia, me^l migo. Tu devéras pretendes-me occultar algum segredo que te devora? conheço em ti uma melancolia ha tempos para cá... andas triste que pareces um cenobita em penitencia, ou um covardo general que conta já com a perda da futura batalha!... Sem duvida ainda amas?...

JOSE'. Sempre!... e se tu soubesses quanto sou infeliz!...

AUGUSTO. Ou quanto és tôlo em affligir-te com taes ninhá-

rias; dir-te-hia que renegasses da doutrina de Heraclito e adoptasseis a do bom Democrito de Abdera!

JOSE'. Eu rir-me?! . . Só sim da minha loucura, porque otusei amar mui cedo; pobre e sem nome, atrevi-me a erguer os olhos áquillo que jámais se lembrará de mim! Vivo esquecido e desprezado por esse anjo a quem dediquei meu intimo amor, meu coração; soffro em silencio as minhas dores, e não tenho quem me ajude a mitigal-as!... Oh! eu sou muito desgraçado, Augusto! !...

AUGUSTO (*ironico*). E's muito venturoso!

JOSE'. Augusto!!

AUGUSTO (*como acima*). Sim, é verdade; porque és um sublime galan de entremez, e por isso podes ter entrada em qualquer theatro, porque as palmas são certas.

JOSE'. Tambem te ris de mim Augusto?!...

AUGUSTO. Rio-me da tua fraqueza, do teu scepticismo! Eu já tive tambem essa mania... Ora adeus: Estas meninas da época gostão de achar uns *patinhos* como tu a quem dizem *desprezar*; para depois de muitas epopéas, muitas revelações amorosas, muitos suspiros e muitas lagrimas da parte do apaixonado; e que sei eu? — depois de terem dado a mão a beijar como um monarcha e até o pé como o Santo Papa; irem metter-se nos braços do *Adonis* como o lagarto na boca da cobra! E olha que é factó; ellas divertem-se á custa desses tôlos!... Eu fallo-te por esta guiza, porque já tive longa experiencia e sei quanto isso massa essas victimas do *Deus vendado*... (*pausa*.) Tambem já fui immolado a essas Galatéas, e por signal foi a época mais extravagante da minha vida!... Se soubesses, Silveira, como naquelle tempo de doudice me derretia a passear com o sol do meio dia; quantas sollas rompi, quantas lunetas comprei, quantos lenços brancos sujei; emfim da manobra que eu fazia quando andava nas aguas de uma bella *moreninha*, semelhante a um navio á caça de um corsario (femenino se entende); dirias tambem que era impossivel haver um patrão que sustentasse em sua casa um caixeiro como eu, e na verdade...

JOSE'. O que?...

AUGUSTO. E na verdade, não me sustentou: sahi!... Maç

como sou dotado de muita philosophia não descri ainda de tudo: todavia protestei, tambem por outros motivos, não continuar na carreira commercial.

JOSE'. Fizeste mal; é hoje a vida melhor que se póde encontrar!

AUGUSTO. Nem todos tem o mesmo paladar. Tu tens um gosto muito estragado, ou então não fallas o que sentes. Lá quando se encontra um patrão delicado e attencioso, que estima e dá apreço ao rapaz; vai o caso bom!

JOSE'. Patrões dessa qualidade, meu amigo, nem com a lanterna de Diogenes; são raros como a flor de Alóes!!!

AUGUSTO. Com tudo sempre apparece algum, mas desses nunca pude eu pilhar, e como ja farto de os procurar — não conseguindo um a meu gosto: — disse adeus ao commercio!

JOSE'. Em que te occupaste?

AUGUSTO. Ora, vê lá qual é a occupação que aspira quem como eu não é ambicioso?

JOSE'. Fôste para o theatro?

AUGUSTO. Theatro?!! Isso é chalaça... (*rindo*) ah... ah... ah... no theatro atura-se tambem o empregario, e os espectadores quando são muito exigentes, é uma vida sem futuro; contudo seduz muito, só pela gloria.

JOSE'. Emfim, o que fizeste?

AUGUSTO. Aluguei um quarto (rua de D. Manoel n. 54, está ás tuas ordens, emquanto não tenho casa nobre) dediquei-me á arte de Thalia, e puz-me a compor *comedias*!

JOSE'. *Comedias*?!

AUGUSTO. Volta atraz com a ironia, porque as *comedias* fôrão uma mina que explorei.

JOSE'. Como?!...

AUGUSTO. Vai ouvindo: (*pausa*) a hora em que me sentia inspirado pelas *nove irmãs*, sentava-me a uma pequena banca, e alli, defronte de immensas papeladas que só servião para embrulhar manteiga na taverna; eis que ideava o assumpto da *comedia*! Quasi sempre a hora das minhas toscas inspirações é ao por do rei dos astros; a essa hora os harmoniosos sons de um piano que parecia dedilhado por Eutherpe, ou por uma fada, vinhão com essas magicas notas

do *Trovador* infundir em minh'alma uma melancolia tal, uma paixão... que em vez de principiar a comedia chistosa, ideava um drama de grande apparatus, fazendo entrar logo na primeira scena um joven proscripto e namorado, que dizia :
(*cantando uma aria do Trovador*)

Longe da patria que adoro
Nesta eterna solidão,
Sinto a vida se extinguir
Ao sopro de uma paixão (

JOSE'. E proseguias ?...

AUGUSTO (*com simplicidade*). Até que os dedos da *fada* terminassem de correr sobre o teclado do piano

JOSE' (*sorrindo-se*). Bello systema! poetisar ao som da musica !... mas depois ?...

AUGUSTO. Depois só pegava na penna ao outro dia, á mesma hora em que a harmonia me tornava de novo a inspirar o *estro* ! Um dia concebi que um anjo habitava perto de mim... e talvez do meu coração. Sublime musica de Verdi havia terminado ; cheguei á janella e vi n'outra que me fica quasi defronte... adivinha o que ?

JOSE'. Uma mulher ?...

AUGUSTO. Não ! — um anjo —, lindo como aquelles devidos ao scropo de Canovas, ou ao sublime pincel de um Zeuxis!... Dizer-te que tinha os labios de coral, os dentes de marfim, os olhos azues como a côr do céu, os cabellos negros como azeviche, as faces rubras como a rubra rosa ao desabrochar; não passava de poesia : Era bella! basta isso ! No mesmo instante que eu erguia os olhos que tinha abaixado com a surpresa de tão inopinada apparição; ella olhava tambem para mim; ficámos assim alguns minutos, estaticos e mudos como duas mumias, mas os corações fallavão e fallavão muito !... Eu amava-a já com toda a paixão, e ella a mim... Que *methodo repentino* ! não achas ? ! !

JOSE'. Acho que fôstes mui venturoso !

AUGUSTO. Vai ouvindo : Depois, todas as tardes á mesma hora; eis-nos á janella... vierão os *cumprimentos* e succedem-se as *conversas triviaes*; até que por fim vierão as *amo-*

rosas revelações. . . escrevi-lhe: a carta era um verdadeiro romance, fallava em muzas, em deuzas, no amor, na felicidade, nos anjos, no céu, nos infernos de Proserpina e Plutão! e... e... em cousas das quaes nenhum namorado se lembrou. Ella respondeu-me, e passados poucos tempos, amavamos-nos sem ter inveja de muitos venturosos; o mundo parecia um grão de arêa á nossos pés! . . . Uma só cousa faltava para completar a nossa felicidade, era: unirmos os nossos corações por um laço sagrado.

JOSE' Oh! isso é o menos quando o amor é intimo de parte a parte!

AUGUSTO. A's vezes não é tão facil como a gente se persuade. Póde-se (sem ser caso raro) encontrar um destes octogenarios cheios de *prosapia* e de orgulho pela sua arvore genealogica e pela sua classe aristocratica que nos pergunte: « quem és tu? és nobre, és potentado? » mas que não diz: « tens amor, és nobre de sentimentos, és honrado? . . . » (*com mysterio*) não, que elles dizem: « não é com os dotes espirituaes que se compra pão! (*natural*) comtudo, dirigi-me a casa do pai della, entrei e disse ao criado que participasse que eu desejava fallar com o Sr. Barão . . .

JOSE'. Era Barão? . . .

AUGUSTO. E' verdade, era Barão . . . Eu tremia como o rão que vai ouvir lêr a sua sentença. estava com calafrios e já me tinha arrependido por não ter feito o meu pedido por meio de uma carta; todavia necessitava de animo—cobrei-o.—Pouco depois da eu ter dado a ordem ao criado, fui mandado entrar n'um rico e elegante gabinete, onde me esperava sentado n'uma bella ottomana almofadada de velludo, um homem já idoso, mas de jovial perspectiva. Depois dos devidos cumprimentos, fez-me sentar proximo a si, e indagou o motivo da minha visita. Eu fiz-lhe minha declaração, e o meu pedido em poucas palavras; elle vacillou um pouco e por fim disse— eu não exijo casar a minha boa Sophia com um fidalgo: rico e de grande nome, mas sim com um homem a quem ella dedique o seu amor, e que a estime como ella merece; um homem honrado: bom filho, virtuoso esposo e carinhoso pai, se o senhor está nesse caso, se não tem remorsos de me enga-

nar; se sua paixão por minha filha é íntima, se ella lhe corresponde e se é nisso que consiste a sua felicidade; — seja feliz. — Eu hia lançar-me aos pés deste pai, deste homem exemplar, mas elle deteve-me com carinho, e ordenou ao criado que chamasse sua filha. . . . Minutos depois, era conosco D. Sophia, a minha amante, e filha do Barão. Ella conheceu do que se tratava e sorrio-se docemente para mim. « Sophia, vem cá, disse o velho, falla-me com lhaneza e não atrações teu velho pai; dize, amas aqui este senhor? » Oh! o Sr. Augusto?! Se amo, meu pai! . . . Pois bem; — continuou o pai de Sophia, — vós sereis felizes. . . . (pausa) Vês tu a mina que explorei; vês o producto da minha mania de compositor de comedias, que tu accentuaste com tanta ironia? ! . . .

JOSE'. E' porque encontrei, em vez de um titular ambicioso e sedento do ouro e dos titulos; um pai extremoso e liberal, que prezava mais que tudo a felicidade dos seus filhos: sagrada missão que Deos impoz na terra a esses chefes de familia.

AUGUSTO (sorrindo-se). Diz antes que a minha estrella, sempre brilhou com fulgor! Assim pois, foi o motivo que me trouxe á esta casa. Em quanto era vadio e errava em busca da tua de mel, temia fazel-o, porque talvez me recebesses com desagrado por. . . emfim. . . por ser vagabundo!

JOSE'. Oh! Augusto, sempre fui teu amigo!

AUGUSTO. Nunca me atrevi a duvidar da tua amizade, e é por isso que vendo-me agora rico e feliz; te venho convidar para tomares um copo d'agua no dia do meu casamento que se effectuará qualquer dia.

JOSE'. Quanto invejo a tua sorte, meu amigo!

AUGUSTO. Não invejes, não: se a amas; faz que a detestas, deixa correr o tempo, porque depois será ella a propria que virá constricta supplicar o teu amor. Ella quer ver-te beber o fêl para depois te dar o mel. . . (apertando-lhe a mão) e adeus. . . isto de longas conversas na casa dos patrões: é cousinha anti-commercial. . . au revoir.

JOSE'. Então já?

AUGUSTO. E' verdade, tenho de ir encommendar um vesti-

do de seda branca a Madame Creten na rua do Ouvidor, uma casaca preta a Mr. Bonefoy, e por isso já me retiro, adeus. (*Vai sahir, detem-se á vista de D. Henriqueta que entra.*)

SCENA IV.

OS MESMOS E HENRIQUETA.

AUGUSTO (*cumprimentando*). Minha senhora...

HENRIQUETA (*com muita affabilidade*). Passou bem?...

JOSE' (*á parte*). Oh! meu Deos! que será isto?

AUGUSTO. Felizmente, muito bem, minha senhora!...

HENRIQUETA (*á parte*). E' frio como o marmore! e eu que o amo! (*a José com frieza*) o papai já veio ao escriptorio?...

JOSE'. Ainda não, minha senhora (*á parte*) Perguntar-me se o pai já veio aqui! .. ella que sabe que elle ainda dorme... aqui ha o quer que seja!...

HENRIQUETA (*a Augusto*). Com sua permissão. (*Cumprimentando e sahindo.*)

SCENA V.

JOSE' E AUGUSTO.

JOSE'. Vês como ella me trata com tanta frieza?...

AUGUSTO. Toma o meu conselho, adopta a minha receita e verás...

JOSE'. Oh! eu não posso suffocar a voz do meu coração!...

AUGUSTO. Pois bem, faz lá o que melhor te parecer, eu não quero ser o teu guia, o teu Mentor, adeus. (*sahé*)

JOSE' (*só*). *Que faça que a desprezo...* Nunca! não sou galan de farças, não sei fingir!... não...

SCENA VI.

JOSE' E BENEDICTO.

BENEDICTO. Senhô moço, nhânhá tá zangada, sim senhô; ella vio cartinha de verso no bolço e ficou brava como uma jararaca, perguntou a mim: quem botou lá? — eu disse que não sei... Ella veio cá raiou com senhô moço Zuzé?...

JOSE' (*como á parte*). Ah! já adivinho!... que fiz eu?... oh! desventurado soneto!

BENEDICTO. Mas se ella diz alguma cousa: senhô moço não

faz caso ; continua a amá nhãhá fazendo versinho, versinho que depois vem dá seu coração inteirinho a senhô moço !... Depois senhô moço—casa—, compra muleque Benedicto, dá-lhe calça azu, casaca marello, chapeo galoado, collete vremeio com botão de prata. Luga chacra no Bota Fogo e tem carrinho de lá pra cá e de cá pra lá. Benedicto é bolieiro de senhô moço !... A' noite vai ao theatro de S. Pedro, vê actô Zuão Catano representá *Othello*, quando elle fazi : (*tentando imitar*) « Porque lá in dizerto fricano, Othello num morreu desconhecido !... »

JOSE'. Tudo isso é muito bom de se pensar !...

BENEDICTO. . . . Binoclo está todo pró camarote de senhô moço e da nhãhá, branco de palatêa só cochichando « que par feliz ! » Benedicto espiando por porta de camarote, tem theatro de graça !... Outra noite senhô moço leva nhãhá ó baile : (Cassino Fruminense) moço de casaca preta e gravata branco abrindo caminho ao novo par ; cortezia (*imitando*) rompe daqui, rompe d'acolá, senhô moço passa por entre todos como um imperadô ! Benedicto vai atrás, mas salfa-se pra a sala dos refrescos tomá sorvete fresquinho e comê pão de ló !... (*pausa*) Que vida, senhô moço, que vida !!! (*escutando*) Vestido vem chiando. . é nhãhá (*apparece Henriqueta ao fundo*).

SCENA VII.

OS MESMOS E HENRIQUETA.

BENEDICTO (*a José, como se tratasse de diverso assumpto*). Não senhô, vapô paquete não entrou... era só ?...

JOSE' (*á parte*). Oh ! que moleque engenhoso !...

BENEDICTO. Então já vou... (*sahe.*)

SCENA VIII.

HENRIQUETA E JOSE'.

JOSE'. Minha senhora . . .

HENRIQUETA. Sr. José, ha pouco procurei-o para lhe dizer duas palavras, mas encontrando-o occupado. . .

JOSE'. Foi o motivo que a trouxe de novo aqui. Saberei a que devo a honra de. . .

HENRIQUETA. A ingratidão é quasi sempre o característico das pessoas mal agradecidas....

JOSE' (*á parte*). Prepara-te victima para o sacrificio ! !

HENRIQUETA. José da Silveira...

JOSE'. Um seu creado.

HENRIQUETA (*continuando*). Era um moço portuguez, que vivia nesta côrte, destituído de protecção, e sem emprego, meu pai, por generosidade, ou por patriotismo, admittio-o ao seu serviço, e prodigalisou-lhe os disvelos que se prodigalisão a um filho proprio...

JOSE'. Tudo isso é verdade, minha senhora, devo-lhe esses grandes favores...

HENRIQUETA (*continuando*). Esse moço mal agradecido, ousa confessar á filha de seu patrão o seu amor ridiculo por meio de cartas e de sonetos...

JOSE' (*com voz tremula*). Perdão senhora, esse moço....

HENRIQUETA (*continuando*). E sem jámais receber dessa a quem diz adorar, um olhar que não fôsse de lastima ou compaixão. (*com desdem, atirando-lhe dous papeis aos pés*) Tome, melhor fôra que em vez de perder o tempo com semelhantes ridicularias; o revertesse em beneficio dos interesses de seu patrão, e fizesse por dar provas de gratidão !...

JOSE'. Basta, minha senhora; a sua arguição é mais que ignominiosa para mim! Não julguei que o amor, esse sentimento nobre e sagrado que adorna um coração bem formado, se pudesse taxar por—ingratidão.— Nunca tambem me esqueci dos beneficios que seu pai me ha prodigalizado; se me atrevi a escrever-lhe, foi uma loucura, não pensei que tal passo me fosse tão funesto; eu mesmo conheço o quanto errei, e péza-me de todo o coração se cheguei a offendel-a.

BENEDICTO (*espiando*). Eh!... estamos no acto de contricção!...

JOSE' (*continuando*). Mas eu não pude suffocar esse segredo que me consumia a alma... e embora saia de casa de meu bom patrão; embora seja obrigado a deixar minha boa ama a Sra. D. Julia, sua mãe, que me trata com tanto carinho; eu jámais poderei negar ao mundo que, ignorado, amei D.

Henriqueta como um louco... como um desesperado!... E como poderia eu reprimir os impetos do meu coração?!... (*Pausa.*) Bem! o passo está dado; fui imprudente: cumpre agora remediar o passado e prever o futuro. De hoje em diante só encontrará em mim um homem que em vez de a amar lhe dedicará profundo respeito; hade vêr em mim o orphão submisso e agradecido aos seus bemfeitores... mas nem assim a voz do meu coração cessará de dizer:—amo D. Henriqueta!

D. HENRIQUETA (*com ironia*). Tem-se tornado tão espirituoso ha tempos!...

JOSE' Mais ou menos sempre o fui, minha senhora.

D. HENRIQUETA (*como acima*). Tem razão: sempre a lêr romances, a frequentar o theatro...

JOSE' (*sorrindo com amargura*). Terrível vicio do qual já-mais me pude cohibir...

D. HENRIQUETA. Eu tinha vindo aqui, expor-lhe unicamente o que sentia, e como já tudo lhe fiz vêr, retiro-me. (*Cantando e rindo com desdém.*)

Vibra, lyra minha, exalta o canto,

Que de Orpheu terei o dedilhar,

Para em versos... (*rindo*) ah! ah! ah! (*Sae.*)

SCENA VIII.

JOSE' (*só*). Eis ao que se póde chamar —mulher de mármore!—Coração empedernido como una rocha, inabalavel e frio como um ferro, e que nem ao menos se abranda com o meu soffrer!... (*Apanhando os papeis.*) Já estiverão no seu bolso, suas mimosas mãos já lhe tocãrão, sua vista já se expargio sobre estes papeis, o seu halito já os bafejou; meus labios tocãrão n'aquillo que já esteve tão perto dos seus, (*beijando os papeis*) e depois guardarei estas reliquias junto ao meu coração!... (*Mette-os no seio*) Oh! algum dia... algum dia has de ainda vir-me pedir perdão... (*Benedito que tem espiado desce á scena*)

SCENA IX.

JOSE' E BENEDICTO.

BENEDICTO. Senhô moço então dizê:—Levanta-te prenda

do meu coração, thesouro querido da minh'alma; o teu lugar é em meus braços!

JOSÉ. Maldito moleque!... por tua causa...

BENEDICTO. Eu botei cartinha no bolso della; se ella se zangou culpa não foi d'eu... Eu desconfio que ella tem outro derriço...

JOSÉ. O que?

BENEDICTO. Moço bonito que passa mais de vinte vezes ao dia, por esta rua: bigode guçado como barba de gato, pêra que parece um picão de pedreiro; linda luneta de ouro anda sempre no seu olho, e charutinho de Havana nunca lhe sahe da boca; uza paletot de casimira, calcinha toda a balão, botinha lustrosa de fino polimento; collete com botão-zinho de ouro, gravata vermeia como ginja, chapéozinho branco á ultima mo-la, lencinho branco, sempre no nariz... Pelintra!... Deve ao sapateiro, ao alfaiate, ao chapelleiro, e até á engommadeira!

JOSÉ (*aparte*). Já percebo, tem sem duvida um peralvilho rival!

BENEDICTO. Come fiado pelos *restaurant's* á custa dos amigos, vai ao theatro á custa dos comico, e passa assim a vida na pelintrade, á espera de garrá uma moça que tenha bastante *côco* para bota tudo em papos d'aranha!

JOSÉ. E sabes ende mora esse moço?...

BENEDICTO. Isso que não sei, não senhô.

JOSÉ. Pois bem; retira-te deixa-me só...

BENEDICTO. 'Stá bom, retiro-me, deixo-o só. (*Vai a sahir.*)

JOSÉ. Ouve...

BENEDICTO (*voltando*). Estou ouvindo, sim senhô.

JOSÉ. Teu senhor ainda dorme?

BENEDICTO. Ainda dorme, sim senhô.

JOSÉ. Está bom; vai-te... (*Benedicto sahe pelo fundo e entra logo.*)

BENEDICTO. Senhô barão que sóbe as escada.

JOSÉ. O barão?! (*Benedicto sahe.—Entra o barão.*)

SCENA X.

JOSE' E O BARÃO.

BARÃO (*entrando*). Ora viva, Sr. José; como vai ?

JOSE'. Muito bem, obrigadissimo... V. Ex., segundo vejo, goza optima saude... (*N'outro tom.*) Queira sentar-se, senhor barão, a seu commodo...

BARÃO (*sentando-se*). Por ora vamos vivendo menos mal por este valle de lagrimas... Ora diga-me, Gilberto?...

JOSE'. Julgo que ainda descança.

BARÃO. Bella vida!... Ditoso de quem, como elle, pôde ter as commodidades de um pachá...

JOSE' (*sorrindo-se*). Ditoso na verdade, Sr. barão...

BARÃO. Aposto que o Sr. Silveira suspira já por chegar áquella posição ?!

JOSE'. Não, Sr. barão; não ambiciono a ser um Cresso, um banqueiro, um capitalista, porque...

BARÃO (*sério*). E tem razão: o banqueiro, o capitalista sofrem ás vezes mais privações e torturas que um pobre, ou que um destituido da fortuna. Ao banqueiro, ao capitalista acontece ás vezes a fallencia d'uma grande casa onde haviam enormes sommas; ficando assim reduzidos á humilhação e á necessidade. Ao titular, ao nobre tambem, se por qualquer azar da sorte lhe chega a faltar o *meio circulante*, que é a *realizaçã do nosso seculo*; se lhe fogem os amigos—esses que se dizião verdadeiros; vai tambem quebrar a sua vaidade, vai passar aos olhos da sociedade como um plebeu no meio das turbas... (*Com intenção reservada.*) Esse chegou já ao que devia chegar... mas, o caixeiro, por exemplo, nutre sempre esperanças de *subir*, quando aquelle só diz: —*Já subi; quem sabe se agora descerei!*...

JOSE'. Acho muito sublime a sua moral, Exm. senhor.

BARÃO. Tire a *excellencia* e falle comigo.

JOSE'. Mas os meus sonhos de gloria não são esses!...

BARÃO. Quer ser artista ?!... Não lhe gabo a dedicação; a gloria dos artistas é um dinheiro falso que seduz só pela apparencia.

JOSE'. Infelizmente é assim!

BARAÕ (*aparte*). Vou percebendo, temos *derrico!*.. (*Alto.*) Ambiciona a carreira das letras, quer legar um nome o ante á prosperidade, quer ser um dos vultos da nossa litteratura? Não responde?! Talvez... Também não lhe gabo as intenções!... (*Pausa*). Forte mania é a destes rapazes que tão cedo principião a am... quero dizer: a lêr as *Trovas de Bernardim Ribeiro*, o *Paraiso Perdido* de Milton, e outras obras desta qualidade, devidas á penna de poetas descrentes! Sentem-se, cahem n'uma especie de espasmo e a vida material é para elles um inferno!

JOSE'. Um inferno, sim, Sr. barão, ainda que os patrões sejam uns anjos!

BARAÕ. Todavia, infeliz daquelle a quem a desgraça fez poeta, porque a fortuna não favorece os génios, e senão, veja esses homens illustres nos annaes das letras que pelo seu talento e sabedoria, em lugar de serem coroados no grande Capitolio, morrerão por esse mundo de Christo como o mais infame e vil remendão!... Euripides, era filho d'uma regateira; Demosthenes, esse famoso orador da Grecia, d'um ferreiro; Virgilio, o grande poeta latino, d'um padeiro; Molière, d'um armador; João Jacques Rousseau, d'um relojoeiro; e Shakspeare, emfim, d'um remendão!!! Esses grandiosos fachos da litteratura e das sciencias, erão filhos da gente mais infima da sociedade!

JOSE'. Mas acaso, o seu nascimento, a sua genealogia, era motivo assás para os fazer desgraçados?!

BARAÕ. Não discuto isso; só quero convencel-o de que, a fortuna não favorece o genio, e olhe: Homéro, pobre cégo andava pelos beccos, encruzilhadas e praças publicas recitando os seus versos para alimentar-se! Plauto, poeta comico ganhava a vida dando á mó de um moinho! Xilander, sabio Grego, vendia por uma pouca de sôpa as suas annotações sobre *Dion Cassio*, qual Ezaú o direito de primogenitura por um prato de lentilhas! Segismundo, Galenio, Luiz Castelvetro, o arcebispo Usserio, e uma infinidade de outros sabios, morrerão em grande pobreza!... Agrippa acabou no hospital; e diz-se que Cervantes, o autor de *D. Quixote*, morreu de fome! Tasso foi arrojado a uma casa de doudos

por ousar amar uma princeza!... A pobreza expulsou l'Eloile da cidade para o campo, onde o seu talento se gastou pouco a pouco; Eschylo, o reformador do theatro grego, foi devorado pelos cães; Socrates, esse grande philosopho, foi condemnado, e bebeu por suas proprias mãos o veneno que lhe dava a morte... Enfim, Camões, o nosso Camões, principe dos poetas, depois de mendigar uma esmola pelas ruas de Lisboa, exhalou o ultimo suspiro no catre de um hospital, gasta já a sua alma por dôres physicas e moraes, e não tendo entre a vida e o tumulo, um irmão, um compatriota que lhe cerrasse os labios que com tanta magestade haviam cantado as glorias da sua querida patria; e só encontrando á beira da sepultura o seu companheiro, o seu amigo fiel, o seu escravo João!!!

JOSE'. E' um triste painel que desenrolla a meus olhos, Sr. barão; mas acaso ignora V. Ex. . .

BARÃO. E a dar-me com a *excellencia*! . . .

JOSE, (*continuando*). Que a mocidade não sabe pôr freio ao dominio das . . .

BARÃO (*atathando-o*). Não sabe, não; tem razão. Ella só aprende com a experiencia quando chega a convencer-se, que não é pelo trabalho espirital que se adquirem as grandes fortunas, e sim pelo trabalho ás vezes rude, monótono e continuo; por esse trabalho material na fôrma e na essencia addicionando-lhe mais o trabalho de zeros e cifraes, por que é muito certa aquella maxima:—Autoridade cresce com o dinheiro; enquanto que a fama de pobre, até aos soberanos faz minguar o credito.

JOSE'. São bastante coherentes as suas razões, Sr. barão, eu as accito, e acredito em tudo quanto me expõe por ser V. Ex. . . por ser homem já pratico do mundo e da sociedade. . . (*Longa pausa.*) Mas confesse ingenuamente, Sr. barão, qual a idéa que ha formado a meu respeito, sim. . . se sympathisa, ou não, comigo? Trata-me com tanta affabilidade. . . esquece-se do seu lugar. . . para ter conversações tão intimas comigo. . .

BARÃO. Eu entendo que não é deshonra descer a fallar, se necessario fôr, com um carroceiro, porque todos somos

iguaes neste valle de lagrimas ; os titulos e os brazões que se folheião na nobiliarchia : são corôas de flôres agrestes, que, por falta de belleza e aroma, uão resplandecem na testa do coroado... quanto a seu respeito... sim... dir-lhe-hei que sou seu amigo...

JOSE'. Oh! Sr. barão, V. Ex... digo, o senhor, confunde-me !

BARAÕ. Eu só fallo aquillo que sinto ; sou seu amigo e dezejo ser-lhe util. Quer estabelecer-se ? Eu o protegerei...

JOSE'. Ah! Sr. barão o não, é dinheiro só que me faria feliz !...

BARAÕ. E' a primeira vez, durante dez lustros, que ouço dizer isso!... Pois o dinheiro?!... (*Mudando de tom.*) Ah! já percebo!... (*Sorrindo-se.*) Tem razão!...

JOSE'. Sr. barão! ..

BARAÕ (*sorrindo-se*). Sim, tem razão ; está na idade dos amores !...

JOSE' (*triste*). Fui indiscreto?...

BAR.Õ. Não, foi franco. Eu já o tinha comprehendido... Ora, diga-me, quem é essa formosa Helena?

JOSE' (*balbuciando*). E'... é... é...

BARAÕ. Não balbucie ; será alguma harpia ?

JOSE'. Eu não devia abusar tanto da sua bondade !...

BARAÕ. Ora adeus ! Quem é então essa deidade ?

JOSE'. E'... é... é a filha do Sr. Pedroso.

BARAÕ. Henriqueta?!... Ummm... o maganão não tem má boca... é um anjo!... (*Mudando.*) E o senhor ama-a ?

JOSE'. Muito ! muito !

BARAÕ. E ella? ella?!

JOSE' (*triste*). Ella...

BARAÕ (*sorrindo se*). Pouco... pouco?... Despreza-o porque é *prata de casa!* (*Pausa.*) Pois d'escance que será feliz; confie na protecção do barão do Carmo.

JOSE' (*lançando-se aos pés do barão*). Oh! senhor, como agradecer-lhe tão grande beneficio?..

BARAÕ (*com carinho*). E esta?! A meus pés como um condemnado!... Levante-se!

JOSE' (*erguendo-se*). Oh! o Sr. barão salvou-me a vida!

BARAÕ. Qual vida, nem meia vida; não seja tolo!... Mudemos de conversa; diga-me: tiverão algum recomendado pela barca *Cruz V*, vinda do Porto?

JOSE'. Que eu saiba, não, senhor.

BARAÕ. Faço esta pergunta porque ha pouco encontrei um *noviço* que me perseguiu para que lhe dissesse onde morava Gilberto Pedroso, e por isso julguei ter vindo recomendado a elle.

JOSE'. Podia ser.

BARAÕ. A physionomia tinha tal ou qual parecencia com a de Gilberto... suspeitei até que fosse irmão d'elle.

JOSE'. Irmão d'elle?!

BARAÕ. Sim, pois que duvida? Tem o *Jornal* de hoje ali?

JOSE'. Eil-o. (*Toma um jornal de cima da mesa.*)

BARAÕ. Faça o obsequio de lêr; eu deixei os occulos em casa.

JOSE' (*lendo*). « Entradas no dia 18.—Bordéos e escallas, em 23 dias, o paquete francez *Estremadure*, commandante Auber... De New-York... De Plymouth... De Trieste... Do Porto, com 43 dias, a barca portugueza *Cruz V*, capitão Rodrigues Sampaio, consignada a Rocha Lopes & Leite; passageiros, 54 colonos para a Associação central de colonisação... »

BARAÕ (*sorrindo-se ironico*). *Para a Associação...* Sim: 54 pacotes de carne humana... genero em que o lucro é certo!...

JOSE' (*continuando a lêr*). « Manoel José Affonso, Jeronymo da Silva, André Joaquim, Cosme Pedroso... »

BARAÕ. Cosme Pedroso?!!!

JOSE' (*afirmande-se no jornal*). « Cosme Pedroso... »

BARAÕ (*aparte, com ironia*). Inesperada visita vai ter o meu amigo Gilberto! (*Alto.*) Elle ainda dorme!

JOSE'. Eu mando vêr. (*Ao fundo. Chamando.*) Benedicto?

BENEDICTO (*entrando*). Aqui estou, sim senhô.

JOSE'. O teu senhor?

BENEDICTO. Já vêm já, sim senhô, já vestio.

JOSE'. Diz-lhe que aqui o espera o Sr. barão.

BENEICTO. Sim senhô. (*Vai se.*)

JOSE'. Elle agora pouca demora pódo ter. (*Entra Gilberto.*) Eil-o que chega.

SCENA XI.

OS MESMOS E GILBERTO.

GILBERTO. Oh! meu caro Sr. barão, já por cá! Como vai V. Ex. ?...

BARAÕ. Cada vez mais velho e mais acabado... Como passa D. Julia e a sua Henriquetazinha?

GILBERTO. Sempre fortes, e á sua disposição: D. Julia é que tem estado um pouco molestada, julgo que é de viver aqui no centro da cidade, mas como tenho alugado uma bella chacara no Andarahy e como já hoje vamos lá dormir, alli, com os ares mais saudaveis, ficará boa em pouco tempo. (*Sentão-se os dous. José senta-se tambem á mesa e escreve.*)

BARAÕ. Isso não será cousa grave... (*Mudando.*) Mas então vais para o Andarahy?!

GILBERTO. E' verdade, e contamos, lá, amanhã com a sua vizita.

BARAÕ. Eu e minha filha.

JOSE' (*aparte*) como se lhe occorresse uma idea. Sua filha! seria possivel?!...

BARAÕ. Quero amanhã, fazer-lhes uma surpresa, a ti e á tua familia...

GILBERTO. O' Sr. Silveira, vá ao banqueiro Souto, receber aquella letra, vinda de Minas, de quatro contos do réis; já tem o recibo.

JOSE'. Sim senhor. (*Levanta-se, tira uma letra de uma gaveta, e sahe.*)

SCENA XII.

GILBERTO E O BARAÕ.

GILBERTO. Então, Sr. barão, a surpresa é...

BARAÕ. Amanhã lh'a farei. (*Mudando.*) Ora, diz-me cá, Gilberto, que tal é este caixeiro?

GILBERTO. E' a perola dos *Lisboetas*; bom rapaz, bem reado, serviçal... mas anda sempre triste, que até receio

que elle tenha morte ás costas ! Interrogo-o ás vezes e elle responde-me que é um soffrimento moral . . .

BARAÕ. Mas interessas-te pelo futuro d'elle ?

GILBERTO. Eu queria dar-lhe um bom ordenado ; mas não queria ver gente que tem ás vezes *cousas* de maluco, ou que tem em vista ser comico . . . Anda sempre a fallar só . . . ora suspira . . . ora exclama . . . ve-se ao espelho e diz :—*E' pena, sou tão joven!*—Eu parece-me que tudo isto são principios de maluquice !

BARAÕ. E tudo isto está muito longe de ser o que te persuades ! . . .

GILBERTO. Então ?

BARAÕ. E' amante.

GILBERTO. Amante ? ! !

BARAÕ. De tua filha.

GILBERTO (*furioso*). De minha filha ? ! (*Rindo com ironia.*) Ah ! ah ! ah ! . . . Pobre louco !

BARAÕ. E' verdade, amante de tua filha. Porque te ris, Gilberto ?

GILBERTO. Rio-me das *innocentes* pretensões do rapaz ! ah ! ah ! ah ! Tinha graça ver minha filha pelo braço de um *caixeiro*, de um *quindan!* . . . ah ! ah ! ah ! Voltando vou despedil-o !

BARAÕ (*severo*). E salda logo, se tal fizeres, a minha conta, e não contes mais com os meus auspicios.

GILBERTO (*aparte*). Oh ! meu Deus, que disse eu ? ! ! (*Alto com bom modo*) Mas obrigar-me V. Ex. a eu . . .

BARAÕ. Não te obrigo a que dêes tua filha a um *caixeiro*, um *quindam* ; mas sim a que não insultes com a ironia aquelles que estão muito acima de ti por suas qualidades e principios.

GILBERTO (*com voz supplicante*). Mas se fosse um visconde . . . ao menos um barão como V. Ex. . . mas um *caixeiro!* . . .

BARAÕ. Repetes :—*Um caixeiro!* Oh ! vaidale ! vaidale ! . . . (*Pausa*) O que eras tu, Gilberto, quando te estabeleci ? Quaes erão os teus titulos quando ligastes o teu futuro ao de D. Julia de Avelar ? . . .

GILBERTO. Era caixeiro, não nego, Sr. barão, mas foi *in illo tempore*; hoje porém os costumes estão mudados. hoje tudo dá na vista. Eu que gózo um nome respeitavel na sociedade; minha filha que é admirada por todos esses grandes que a veem... se a cazasse com *um caixeiro* da época... (*Com muita ironia e desprezo.*) *Um caixeiro!*...

BARAÕ. Percebo de mais!... Os bailes e as reuniões são as praças publicas, os mercados de nova especie... onde os pais da tua qualidade levão as filhas para dellas fazerem exposição... e entregal-as a quem mais dér...

GILBERTO. Barão!...

BARAÕ (*com ironia*). *Os costumes estão mudados*, tens razão; o *progresso* do nosso seculo. não quer adoptar a modestia; a virtude não está em moda, e o amor anda mascarado; tens razão, nos bailes, sim, lá anda a peralvilhice de mãos dadas; valsa a especulação dos pais e a ambição dansa a polka!... Que mundo tão chistoso! Ah! ah! ah!

GILBERTO. Eu...

BARAÕ. A ambição e a vaidade! eis os sentimentos que se rezervão no teu coração! Lembra-te do que foste e do que és!... Não exijo comprar pelos beneficios que te tenho feito a tua vontade de pai, mas não despeças o teu caixeiro se o seu crime foi só o—amar!

GILBERTO. Tem razão, Sr. barão; fazer o contrario das suas ordens era desconhecer os immensos favores que lhe devo, e tornar-me indigno dos seus beneficios; sim, o Sr. Silveira continúa n'esta casa. mas nunca...

BENEDICTO (*ao fundo*). Está ahí nas escadas um carroceiro, sim senhõ; quer entrá por força, a dize se é cá qu'elle mora. Queria dar-me uma tapona, mas eu... (*Imita quem dá uma cabeçada.*)

GILBERTO. Quem é?!

BARAÕ. E' o teu irmão, o Sr. Cosme, que vem de Portugal.

GILBERTO. Meu irmão?!!!

BENEDICTO (*aparte*). Já agora não lhe tiro a testada da barriga!...

GILBERTO (*a Benedicto*). Diz-lhe que não é aqui.

BENEDICTO (*sahindo*). Sim senhô, meu senhô.

BARAÕ. Diz-lhe que é aqui mesmo.

BENEDICTO (*voltando*). Então dize que é, ou dize que não é ?!

GILBERTO (*aparte*). Oh! meu Deus!... (*Alto.*) Dize-lhe que não estou em casa!...

BARAÕ. Diz-lhe que está o barão do Carmo que fará as suas vezes. (*Beneicto sahe.*)

GILBERTO Oh! Sr. barão, meu irmão é tão grosseiro!...

BARAÕ. Não deixa por isso de ser teu irmão; envergonhas-te de o receber em tua casa; receias que venha lançar-te alguma nôdoa no *teu brazão*!... Ah! Caim! Caim!

GILBERTO (*aparte*). Este homem abusa da minha authority!... Todavia devo obedecer-lhe; uma palavra sua, só, de indignação, desmoronaria todos os meus castellos!...

SCENA III.

OS MESMOS E COSME PEDROZO.

COSME PEDROZO (*dentro*). Por onde é ?

BENEDICTO (*ao funlo fazendo-o entrar*). E' por aqui, por aqui... (*Sahe*)

COSME (*descendo á scena*). Ora louvado seja Nosso Senhor Jesus-Christo; se estão todos bonzinhos por cá; hei de ter grande estifação!

BARAÕ. Muito bem; muito agradecido. Tenha a bondade de se sentar. (*Chega-lhe uma cadeira na qual Cosme senta-se com mão modo.*)

COSME. Eu arrebebo porque venho 'stafado como um jumento de moleiro; andei ha mais de duas horas á cata cá dá casa do mano, mas por fim cá vim esbarrar! (*Mudando.*) Ora, diga-me, meu senhor, cá em casa tem carneiros? Eu faço a pergunta, porque só por eu dar um tabéfe no moleque, elle zás!... pranta-me a testa (*apertando a barriga*) aqui, salvo seja, na boca do estámago que quasi me empa ina... Mas isso, adeus. Ora, diga-me: o senhor é o Gilberto... é ?!

BARAÕ. Não, o senhor seu mano é aquelle.

COSME (*indo abraçar Gilberto que faz um esforço para se desembaraçar*). Ólá, sêr Gilberto! como vai isso?! Vi-

zitas da mãe e do pai ! Você á q'annos não escrevia pr'á terra !... arremendações que lhe manda o Antonio Gadanho, cazeiro e mál-o Manel da boiça da Andorinha... mas você já tão taludo ! eu aposto que já é garda livros !

BARAÕ (*aparte*). O homem está em convulsões...

COSME. Então já você num me conhece ?!! Eu sou o Cosme, o teu mano, que ás vezes tu montavas em mim, e quando jogavamos o pião na eira ?!! Lembra-te quando apanhámos uma dôse de taponas por ir ós figos da Maria do Zé Malsim ? ! aquella foi sóba mestra !...

GILBERTO (*erguendo-se*). E' demais !

COSME. Alguma dôr que se te prantou na cabeça, mano ?

GILBERTO (*aparte, como suffocado*). Quando me julgarei senhor das minhas acções ?!!!

BARAÕ (*baixo*). Quando deixares de ser soberdo e vaidoso.

GILBERTO (*por entre os dentes*). Isto é um inferno ! (*Sake.*)

SCENA XIV.

BARAÕ E COSME.

COSME. O' senhor, diga-me : aquillo foi alguma dôr de cabeça ?...

BARAÕ. Foi um ataque de vaidade...

COSME. Vaidade ? ! haverá por ahi calquer mal que se chame por esses modos ?...

BARAÕ. Ha, sim, e é um mal contagioso nos aristocratas de certa qualidade...

COSME. Pois o meu mano é istocrata ?! que diabo vem a ser isso ?... é mais que caixeiro ? mais que patrão ? ou... ?

BARAÕ. É menos que tudo isso...

COSME. Málos dianhos me trinquem, se eu entendo pata-vina do que o senhor está a dizer !... Diga-me, se é preciso eu vou chamar o sérgião...

BARAÕ. Acalme-se, o seu irmão não tem nada.

COSME. Não tem nada ? ! !... No Brazil ha vinte e tres Janeiros ? ! !

BARAÕ. Isto é : não tem molestia alguma a não ser orgulho e soberba.

COSME. Ah ! sim, é a tal cousa que se chama istocracia ora! ora!... Cá por esta terra hão cousas... Mas parece! que a minha chegada encommodou o mano, eim?... Pois eu num vim atraz da sopa delle, e graças ao Louvado, num vim por engajado, nem tambem vim por miserable!... Lá quanto a broa: ainda temos uns campitos que dão quinze carros pelo São Miguel, tenho mais umas devezas que acabando-se o mal das vinhas com os enxoframentos e caparoza; ondem dar seis pipas e oito almudes, e graças a Deus inté à prezencia temos vivido sem as suas esmolos.

BARAÕ. Todavia não se zangue com seu irmão, aquillo passa...

COSME. Ora se passa!... Que passa sei eu, mas o que num quero é a tal istocracia comigo, porque se elle tem muito que coma dez vezes ao dia. (*Indo a sahr.*) Quando elle estiver bô cá virei... adeuzinho, ó senhor ..

BARAÕ. Ouça, Sr. Cosme...

COSME (*voitando*). Eim?...

BARAÕ. Amanhã o senhor fallará com seu irmão, confie no que lhe digo.

COSME (*sorrindo-se*). Sim, aquillo foi, talvez, alegria de mais; o rapaz é bonzinho, e amanhã então lhe darei os recados da familia, que trouxe lá da terra. Adeuzinho, ó senhor. (*Sahe.*)

BARAÕ (*só*). Triste irmão a tua grosseria é—o ser pobre!

SCENA XV.

O BARAÕ E JOSE' (*que entra*).

BARAÕ. Larga pratica tive com o homem; é um poço de orgulho; até seu pobre irmão, desconhece!

JOSE'. Era este que sahio ha pouco d'aqui?! (*Com dó.*) infeliz! talvez por vir vestid... tim... E' orgulho mal cabido... Quem já viveu na dependencia... Desconhecer seus parentes pelo simples factu de gosar maior fortuna, é atrahir o desprezo da sociedade!

BARAÕ. Engana se, meu amigo, porque o mundo olha só a fortuna, o dinheiro e o nome; e esquece os desgraçados, de bons sentimentos. Com o ouro não ha cynismo, baixeza,

ignobilidade, nem ignominia, basta ser um imán inventado por Satanaz!

SCENA XVI.

OS MESMOS E GILBERTO (*que entra*).

GILBERTO. Já se foi esse homem?

BARAÕ (*com ironia triste*). Já; já, Sr. Gilberto, mas amanhã irei á sua chacara (senão retira o convite que me fez) e lá terei a honra de o apresentar á sua familia.

GILBERTO. Oh! Sr. barão! eu não lhe mereço essa ironia!... Concedo em proteger o... o... o meu irmão, mas não o apresente assim á sociedade que me conhece; isso seria enxovalhar-me!... elle é tão grosseiro...

BARAÕ (*tomando-lhe o braço e trazendo-o á boca da scena*) Gilberto, provas de amor fraternal e de bons sentimentos não envergonhão ao homem por mais nobre e até real que elle seja, e sim engrandecem aos olhos de Deus e da sociedade virtuosa; aquelles que deixão por um momento as chiméras do mundo, as vaidades estultas e o orgulho pestifero, para socorrer os seus parentes que necessitam! (*Tomando o chapéo e sahindo.*) Até amanhã, Gilberto!

GILBERTO (*á parte, cahindo desesperado n'uma cadeira*). E', comtudo, forçoso obedecer-lhe!

JOSE' (*á parte, ao mesmo tempo*). O barão é o anjo bom desta casa!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

Sala ao rez do chão elegantemente mobiliada, estofos, cadeiras, mezas com jarras e flores, etc., etc.—Larga varanda ao fundo com ricos cortinados colhidos, pela qual se vê parte d'um lindo jardim com chafariz, estatuas, etc., etc.

SCENA I.

JOSE' E BENEDICTO.

JOSE' (*entrando pela D do actor*) Viste-os ?

BENEDICTO (*entrando pela E*). Gora mêmo, sim senhô.

JOSE'. Mas... como ?...

BENEDICTO. Senhô barão passeia c'o braço dado co'aquelle moço bonito, sua amigo que foi no escritorio.

JOSE'. Augusto !!! (*A' parte.*) Oh ! meu Deos !...

BENEDICTO. Senhô moço Augusto, sim senhô. (*Pausa.*) Meu senhô passeia com sinhá velha, e outra mocinna, filha do senhô barão, com nhanhã.

JOSE' (*á parte confuso.*) Seria possivel ?! Custa-me a comprehender !...

BENEDICTO. Nhanhá conversa muito com a filha do senhô barão, sim senhô ; e sabe o que ella diz, senhô moço Zuzé ? (*Pausa*) Dize, que soffre muito, muito ! porque amou com paixão e que seu amante a enganou, que...

JOSE'. E a filha do Sr. barão ?...

BENEDICTO. Essa quer contentá nhanhã, maz não sabe que dizê... (*Sorrindo-se.*) Aqui ha trapaçada, senhô moço Zuzé...

JOSE' (*á parte*). Augusto pedia... foi a filha de um barão... elle aqui !... Sem duvida foi a filha do barão do Carmo ! (*Alegre*) Desta vez vencer te-hei, D. Henriqueta !

BENEDICTO. Moço bonito, parece que vai cazá com filha de senhô barão ; nhanhã tambem parece que queria caçá coração d'elle, mas elle foi moleque bom na perna, e esbarrou no peito de sinhá D. Sophia ; assim senhô moço Zuzé ganha a partida ; laça coração de nhanhã que anda em campo livre... e Benedicto juda a puxá laço, deixe está...

JOSE' (*aparte, alegre*). Vai se sorrindo para mim a ven-

tura!... Ah! D. Henriqueta, D. Henriqueta! eu serei sempre o mesmo!...

BENEDICTO. Branco chega! Já vou... (*Salta pela E.*)

SCENA II.

JOSE', D. HENRIQUETA, D. SOPHIA, O BARÃO, E AUGUSTO,
que entram pela D.

BARÃO. Oh! cá temos o nosso eximio guarda-livros!

JOSE'. Sr. barão... (*A' parte.*) Augusto!... Não me enganai!

AUGUSTO (*com ironia*). O' José, ainda soffres áquella molestia?

JOSE'. Molestia?!

BARÃO Sim, molestia de *bardos*, que é rebelde á medicina como os judeus as toucinho. (*Os tres conversão baixo passeiando.*)

D. SOPHIA (*a Henriqueta*). Então, continúas triste, minha amiguinha?!...

D. HENRIQUETA. Muito!

D. SOPHIA. Invejas a minha sorte? (*José olhas-as furtivamente,*)

D. HENRIQUETA. Sim, porque és uma mulher muito feliz!...

D. SOPHIA. Quem sabe?! E depois, tu não tens um moço tão delicado que te adora, o...

D. HENRIQUETA (*com dôr*). Oh! tive!... tive!... Porém desprezei o seu amor, tinha outras pretensões... Ri-melle, escarnei do seu amor intimo e puro para dedicar o meu coração a um outro que jámais me amára, e que não passava d'uma seducção dos sentidos, uma phantasmagoria... Hoje reconheço o quanto me enganai, ou quanto o mundo me enganava!!

D. SOPHIA. Desabafa comigo, minha amiguinha... eu partilharei das tuas magdas...

D. HENRIQUETA. Não... eu soffrerei em silencio, porque revelar-te o segredo que me devora o coração: era affligir-te muito! era... (*Conversão baixo.*)

BARÃO (*a José, como se acabasse um dialogo*). ...Ora,

Sr. José ! . . . Pois bem : vamos até o jardim ; lá encontrar-se-ha mais inspiração no azul do céu, na briza da tarde, e no aroma das flôres, do que aqui nos estrados das damas ociosas.

JOSE' (*sorrindo-se*). O Sr. barão sempre cassuando ! . .

AUGUSTO. Menos essa ; elle quer-te ver inspirado para poderes fazer um soneto ao nosso . . .

BARAÕ. Nada ! . . . Um acrostico em dous nomes !

JOSE'. E quem lhe disse que eu ero fabricante de versos ?

AUGUSTO. Vibra, lyra minha, exalta o canto . . .

JOSE' (*baixo a Augusto*). Pelo amor de Deus ! . . .

BARAÕ (*sorrindo-se*). Tocou-lhe em alguma corda sensível ? . . .

AUGUSTO. Nada ; foi um pensamento que tive . . . Vamos.

BARAÕ. Sim, sim ; deixemos as senhoras em *entière liberté* ! (*Sahem os tres.*)

SCENA III.

D. SOPHIA E D. HENRIQUETA.

D. SOPHIA. Vamos, minha amiguinha, voltemos de novo, tambem, ao jardim, essa tua tristeza dissipar-se ha lá . . . Quando cheguei encontrei-te tão alegre, e agora . . . Se soubesse que te vinha encontrar assim tão sentida, teria dito ao papai que transferisse a vizita para outro dia ! . . .

D. HENRIQUETA. Ah ! Sophia, tu não sabes o que é soffrer do coração !

D. SOPHIA. Volha-me o céu ! e não saberei dizer-te palavras de conforto ? ! . . .

D. HENRIQUETA. Erão innteis. (*A' parte.*) Era o algoz a confortar a sua victima ! (*Alto.*) Deixa-me, pois, entregue ao meu soffrer, deixa que o pranto mitigue os meus infortunios ; deixa-me, Sophia, preciso ficar só ! . . .

D. SOPHIA. Oh ! céos ! e não adivinhar as tuas dôres para te consolar !

D. HENRIQUETA. Talvez que depois me abominasses !

D. SOPHIA. Não te comprehendo ! . . . Grande mysterio se occulta ! . . .

D. HENRIQUETA. Sim, são os mysterios do amor ! . . .

D. SOPHIA. Mas...

D. HENRIQUETA (*com muito carinho, triste*). Deixas-me só?...

D. SOPHIA. Não te quero contrariar; vou ter com tua mãe, e se por ti perguntar, dir-lhe-hei que ficaste lendo... (*Dando-lhe um pequeno livro*) Toma: são os amores de Aben-Afan e D. Branca... Não chores muito, não?...

D. HENRIQUETA (*com meiguice*). Não. (*D. Henriqueta sahe pela E.*)

SCENA IV.

D. HENRIQUETA (*só, pousa o livro em cima de uma mesa, e desce á scena*). Sim, deixa-me só, porque me affliges!... A tua presença incommoda-me porque és emfim minha rival!... (*Pauza.*) Ah! Augusto, Augusto! quanto me enganei contigo! Que bello futuro eu tinha sonhado se teu coração se inclinasse ao meu!... Que por vir risonho eu havia phantaziado!... Loucura!... Eu, por ti, desprezei José da Silveira, recuzei seu amor, todavia eu tambem o estimava... Mas offertar-lhe agora o meu coração?!... Amar-me-ha elle ainda?...

SCENA V.

D. HENRIQUETA E BENEDICTO, *que tem espiado, desce agora á scena.*

BENEDICTO. Ha de ámá, sim, nhánhá; ha de ámá...

D. HENRIQUETA (*sorprendida*). Ah!...

BENEDICTO. Não faz caso, nhánhá: eu sabe tudo; mas Benedicto é boca de botija, caladinho como elle só; nhánhá quer bem á senhô moço Zuzé, e senhô moço Zuzé ainda mais á nbanhá; é moço bonito e da mo la, falla francez como qualqué *monsieu*, e faz versinho que é mesmo (*levando os dedos da mão direita aos labios e dando um beijo*) de chupeta!... Nhanhá passa uma vida d'anjinho se dé seu coraçãozinho para elle, e Benedicto (se fôr servir nhánhá) não tem inveja diz'outro moleque janota, não sinhá...

D. HENRIQUETA. Moleque!...

BENEDICTO. Não faze caso, nhánhá, já disse (*vai tirando furtivamente uma camelia que D. Henriqueta tem no ca-*

bello); Bene lieto só que vê nãnhá feliz! (*Tira a flôr e esconde no scio.*)

D. HENRIQUETA. Mas o Sr. José...

BENEDICTO. Derrete-se de paixão por nãnhá, e até dizê que só uma olhadella de ella, lá a certo modo, que salvava elle!

D. HENRIQUETA. E?!...

BENEDICTO. E disse que fazia eu seu lacaio, se garrasse coração de *seu bem*!

D. HENRIQUETA (*á parte*). Oh! ainda me ama! Sempre constante! (*Alto*) Bem; eu te prometto tambem o mesmo.

BENEDICTO. Certo, nãnhá?!?! (*Muito contente.*) Ora viva eu, vivão todos!!! (*Sahe pela E*)

SCENA VI.

HENRIQUETA E DEPOIS JOSÉ.

D. HENRIQUETA. Sim! Devo humilhar-me, supplicar a continuação do seu amor! .. Elle é bom; o seu coração é de anjo, e ha de amar-me como nunca, e viveremos assim felizes como os anjos vivem no céu!... (*José apparece ao F. ; tem ouvido com prazer as ultimas palavras de D Henriqueta.—Traz a camelia na mão.*) Oh! quizera agora ve-lo, abrir-lhe os braços e dizer-lhe:—Vem, meu destino, (*José vem descendo ebrio de alegria*) minha esperança, meu amor!... Vem que serei tua amante fiel e constante!... Vem José da Silvoira!...

JOSÉ (*proximo a ella*). Minha senhora?...

D. HENRIQUETA (*cahindo n'uma cadeira*). Ah!

JOSÉ. Ercommodal-a-hia, minha senhora?...

D. HENRIQUETA (*erguendo-se*). Oh! não...

JOSÉ. Pareceu-me ouvir pronunciar o meu nome e aproximei-me... Enganar-me-hia?... Embora!... Vinha trazer-lhe aqui a camelia que V. Ex. deixou cahir no jardim... (*Apresenta-lh'a.*)

D. HENRIQUETA (*confusa*). O senhor... a minha camelia... (*Apalpando o cabello.*) E' verdade! (*Recebendo-a.*) Obrigada...

JOSÉ. Mas não tinha tambem V. Ex. pronunciado o meu nome?

D. HENRIQUETA. Eu... (*Abaixa os olhos.*)

JOSE' Viria causar-lhe enfado?!...

D. HENRIQUETA. Oh! nunca!

JOSE'. Então?...

D. HENRIQUETA. Sim, fui eu que chamei pelo seu nome e não còrei...

JOSE' (*Com amor*). Còrar?! e pelo que?

D. HENRIQUETA (*tomando-lhe a mão*). Por ouzar ainda articular o nome d'um homem que tanto aviltei!

JOSE' (*bom muito amor*). Oh! senhora! serei digno...

D. HENRIQUETA. Era um homem ao qual eu olhei com indiferença, que me ri dos seus sentimentos, mas aquem hoje constricta peço perdão!...

BENEDICTO (*atravessando o F*). Então senhò moço diz:— Vem prenda do meu coração, thesouro querido da minh'alma; o teu lugar é em meus braços!

JOSE'. Oh! senhora!...

D. HENRIQUETA. Deus subindo com a pezada Cruz ao Golgotha perdoava aos seus inimigos; e o amante sincero e affectuoso tambem perdôa os desvarios ephemeros da sua querida amante... (*com amor*) não é assim?!... (*O barão tem entrado pela direita, vai a descer, suspende-se e observa os dous com curiosidade.*) Negar-me o amor que me dedicava seria matar-me!... O senhor amar-me-ha sempre como d'antes, e o seu viverá junto ao meu coração... Sim?!
Sim?!

JOSE' (*tomando-lhe a mão e beijando-a com frenezi.*) Oh! minha senhora, as suas palavras embriagão-me e enlouquecem-me!... Será isto um sonho?! Ouvirão bem os meus arvidos?! Oh! eu amei-a sempre com vehemencia, e sempre tambem antevi que me amaria! Deus abençoou o nosso amor! Não se deve pois humilhar-se a pedir-me perdão; eu é que nesta hora me prostro a seus pés (*ajoelhando-se tomando-lhe a mão*) e lhe juro o meu eterno amor!... Esse amor que Deus abençoou!...

SCENA VII.

OS MESMOS E O BARÃO.

BARÃO (*desce sorrindo-se*). Mas falta a benção dos homens!

OS DOIS. Ah!!!

BARAÕ. Juravão amar-se em quanto vivos ! é a praxe dos namora los !... Mas que ? vim os interromper no seu embriaga tor *rendez-vous*... Se os encommodei peço perdão e retiro-me !

JOSE'. Oh! O Sr. barão tudo o que faz é em nosso auxilio !...

D. HENRIQUETA (*aparte*). O que irá elle agora dizer !...

BARAÕ. Estou satisfeitissimo ! Suspirava desle ha muito por vêr um quadro tão vivo e original... por fim—vi-o !

D. HENRIQUETA (*vergonhosa*). Oh ! Sr. barão...

BARAÕ. Já vejo que se amão reciprocamente ; prometti protegelos, e farei o que poder, e de algum modo havemos de conseguir o nosso fim... Acompanhem-me... (*Sahem pela D.*)

SCENA VIII.

BENEDICTO (*só, descendo*). Eu ouvi todo o caso !... Coração de senhô moço puchou coração de nhandá como cobra puxa lagarto p'rá boca... Gora falta tratá com senhô velho e sinhá... Senhô barão faze de padrinho, e a cousa vai, oh! se vai! elles cásão, e moleque Benedicto está de riba, vai an lá tambem á janota, e sê companheiro de senhô moço ! Se vão ao passeio, moleque Benedicto vai tambem ; ao theatro moleque aco npanha p'ra levá as capa, e assim passa uma vida de fidalgo !... Depois senhô moço acompanha nhandá que leva seu vestido balão que toma todo o passeio de rua do Ouvidô, e que ginga como cousa de relógio grande (*imitando*) tom... tom... tom... Janota só esticando luneta (*imita*); modista to la a vir á porta para vê vestido de nhandá e a dizê :—*Oh! trrrá bonne talleta port lá madame !... Cabelleireiro francez só á janella :—Parrrrr diù que il ha de gollite chevêo !... Eu que pesco alguma cousinha de francez so :—hui ! hui !... Sinhô moço... isso não se fallá !... Eu só... todo fardado, botinha de ringideira só ginguando... jac... jac... jac... Mas agora o caso está na mão de senhô !... (*Reparando*.) Elles ahi vem !... Diabo !... não posso estar só um minuto ! (*Sahe pela D.—Entrão pela E. D. Julia e Gilberto.*)*

SCENA IX.

D. JULIA E GILBERTO (*entrado pelo fundo*).

GILBERTO. E' muito! . . E' demais! . . . Antes desejava ser hoje muito pobre, ao menos assim . . .

D. JULIA. Para que é esse orgulho Gilberto?! . . . Quem eras tu antes de ligar o teu ao meu futuro?! O que serias ainda hoje se não achasses no barão do Carmo um homem que te protegeu cegamente, e que fez com que chegasses a gozar uma boa reputação no commercio? . . .

GILBERTO. Seria um vadio, um pobre, um miseravel, concordo . . .

D. JULIA. E não segues tu a risca a moral de teu protector?! . . .

GILBERTO. Não. — Elle protegeu-me, para me fazer alvo dos seus caprichos; para me impor um jugo do qual jámais me libertarei! . . . Repito: antes quizera ser hoje pobre com Job, porque assim obraria aquillo que o coração me dictasse e não me veria obrigado a curvar a cerviz perante um homem pelo simples facto de me dar ouro! . . .

D. JULIA. Que tal é o grau da tua allucinação que chegas a ponto de desconhecer o character do barão! = homem franco e generoso; amigo dos infelizes e protector dos virtuosos! . . . Isso a que tu chamastes — um jugo — é só a vereda da honra, da modestia, e da virtude, que elle te quer fazer seguir . . . é . . .

GILBERTO (*aspero, interrompendo-a*). E', que, eu julgo que os meus actos até hoje não se podem classificar por deshonrosos! . . .

D. JULIA. Mas pretendes ostentar uma dignidade balofa, a vaidade e o orgulho sem limites! ainda mais, a ambição!

GILBERTO (*como acima*). E tenho por isso, que dar contas a alguém das acções que pratico?! . . .

D. JULIA. Teus, sim: — a Deos e á sociedade! . . .

GILBERTO. Que me importa a *sociedade*, se é ella que abre as portas dos dourados palacios *dos grandes*; que dá ingresso nas mais sumptuosas reuniões aquelles que possuem dinheiro embora sejam uns reprobos aos olhos do mundo; se é essa a mesma que expulsa do seu seio os desgraçados, os nobres de sentimentos; os . . .

D. JULIA. *Que te importa?*... as contas que darás a um Deus justiceiro!...

GILBERTO (*com ironia*). Peurilidades que não me affligem... cantigas de frade e de beatas...

D. JULIA. José da Silveira, e filho de uma nobre familia de Lisboa, tem bons sealimentos, é um anjo... Henriqueta...

GILBERTO (*severo*). A nada attendo! Sim: Henriqueta é filha de um potentado, e aquelle não passa de um *valdevinos*... d'um pobretão... De que vale a honra?... ponhão-a á render e verão se algum banqueiro a aceita a troco d'um ceutil!... Eu!... eu, que cedo obterei um titulo de Comendador; ouvir dizer a todos com desdem: o commendador *Fulano* cazou a filha com o *caixeiro Sierano*!... *Caixeiro!!!* Se fosse ao menos um visconde... mas *om caixeiro, um alfacinha, um garoto do Terreiro do Paço*?!!!....

D. JULIA. Que diria então meu pai quando a ti me ligou, e se pensasse a teu modo?.. Diria: Cazei minha filha com um rustico recém-chegado de Portugal, com um homem sem civilisação, que para galantear *a sua amante* só sabia encher os dedos com grossos anneis, como se fosse o ouro que a seduzisse, um homem que viviria ainda hoje confundido entre a *baixa ralé*, se não fossem os nobres aupicios do barão do Carmo...

GILBERTO. E' um insulto!... Lançar-me isso em rosto é demais!... (*rindo com ironia*) Ah... ah... ah... já me hia zangando com uma reprehensão de mulher...

D. JULIA. Ri-te embora, mas não clessifiques as verdades amargas por — insultos. — Não é só o ouro o brazão das almas nobres e puras.

GILBERTO. Basta. Será emfim tudo quanto queirão!... mhs obrigar-me a dar a mão de minha filha a um homem que não seja titular: é tirar-me a vida!

D. JULIA (*com ironia*). Não será necessario tanto....

SCENA X.

D. HENRIQUETA *pelo braço de JOSE*, D. SOPHIA *pelo o de AUGUSTO*, O BARÃO *que entram pela direita*, D. JULIA E GILBERTO.

BARÃO. Como é bello respirar a briza da tarde, e o aroma

embalsamado das flores, quando é ao pôr do sol !!!... Eu mesmo, já velho, já cansado de admirar as obras de um grande Deos, sinto-me inspirado quando observo esse quadro magestoso... lembro-me do meu tempo de rapaz quando apenas coberto com uma camizinha de estopa grossa, eu com a vara na mão fazia recolher á *corte* o gado que tinha pastado no monte durante o dia, lembro-me do meu peão, do meu papagaio... lembro-me... E que não se lembra das passadas épocas da infancia?!! Ora adeus!.. (*A' José*) Que diz Sr. José, como um vate na aurora da vida, deve também sentir a alma inspirada á hora em que Phebo regressa radiante no seu carro, rodeado pelas nove Musas; aos braços da sua adorada Thetis!... Eim?!!...

JOSE' (sorrindo-se). E' hora inspiradora, é, Sr. Barão!...

AUGUSTO. A essa hora, pois, meu amigo; sentado no *mal feito* banco do jardim, a ver o *horizonte a engolir o sol*, são os momentos mais preciosos para se compor um poema... (*á D. Henriqueta*) Não acha D. Henriqueta?...

D. HENRIQUETA (abaixando os olhos). Acho que...

D. SOPHIA (sorrindo-se). Acha que o Sr. Augusto em vez de poetipar, de poetiza tudo!

BARAÕ. E é assim. Chama ao tosco banco floreado e amêna e viçosa hera — *omal feito* — : e á magestosa hora do crepusculo — *ohorizonte a engolir o sol!*... Estas couzas são até anticonstitucionaes no Parnazo, e quem lá fallasse por essa guiza...

AUGUSTO (rindo). Vinha de lá corrido a chicote... Ah! ah! ah! Se as muzas fossem tão bellas como se pintão, se não fossem uma phantamasgoria apenas; juro-lhe que não se me dava de brigar com ellas!...

BARAÕ. O Sr. Augusto contrafaz o seu genio, aposto que já lhes dedicou bem boas horas... trocou o papel de apaixonado pelo o de satyrico, é a consequencia que se deve tirar.

AUGUSTO (sorrindo-se). Não que a dôr de ilhargas, não é tão terrivel como a dôr de peito!... O primeiro chora medita, consume-se, e o segundo analysa, commenta, e rise de tudo e de todos; a vida é para elle horas de recreio, e o mundo é um palco de comediantes em todos os generos do qual só elle é o mais sagaz espectador!... (*sentão-se*)

convenientemente e conversão, o barão passeia com D. Julia e Gilberto, este olha amiudadas vezes para José que conversa com D. Henriqueta.)

BARAÕ. *(a Gilberto.)* . . . E não sabes ainda qual é a surpresa que prometti fazer-te? . . .

GILBERTO. Por certo que não! . . .

BARAÕ. *(a D. Julia).* Advinhou, D. Julia? . . .

D. JULIA. O que, Sr. Barão? . . .

BARAÕ. Qual o motivo da minha visita.

D. JULIA. Por enquanto ainda V. Ex. não nos den este prazer.

BARAÕ. *(Baixo aos dous).* Foi para dizer a Gilberto, que sendo eu um barão não me aviltei em dar a mão da minha Sophia a um ex-caixeiro . . .

OS DOUS. Casados?! *(reparão em Augusto que conversa com D. Sophia.)*

BARAÕ. Debaixo do meu consentimento. *(a Gilberto).* Era honrado! foi o melhor marido que podia dar a minha filha. *(a D. Julia).* Não concorda com o meu pensar D. Julia?

D. JULIA Eu, Sr. barão . . . *(pausa olha para Gilberto que lhe faz um movimento com os olhos)* eu . . . *(áparte).* Muito soffre uma mãe! . . .

BARAÕ. Então boceja? . . .

GILBERTO *(de improviso).* Sim, Sr. barão, a uma pergunta tão inesperada é quasi sempre uma resposta tardia; eu respondo por ella e dir-lhe-hei, que a nobresa do marido consiste *(concordo que no coração)* mas tambem na burra.

D. JULIA *(áparte).* Oh! meu Deus! . . .

BARAÕ Gilberto, tens razão o ouro é achave de todas as portas . . .

GILBERTO Todavia . . . *(conversão baixo por um pouco, ouve se o rodar de um carrinho que pára.)*

BENEDICTO *(ao fundo).* Ahi está carrinho de senhô barão, sim senhô; que traz *carroceiro* que foi hontem no escriptorio.

GILBERTO *(áparte).* Meu irmão!!! *(pausa)* cumpre dissimular. Eu depois me livrarei d'elle.

BARAÕ. O Sr. Cosme Pedroso?! o meu amigo?! manda-o

entrar... Eu mesmo vou recebê-lo... (*vai sahindo pela direita*).

AUGUSTO. Mas um carroceiro?!

BARÃO. Christo não se aviltou por lavar os pés aos pobres. (*tem sahido*).

JOSE' (*bairo a D. Henriqueta que se sobressalta*). E' seu thio.

SCENA XI.

OS MESMOS O BARÃO QUE TRAZ COSME PELO BRAÇO (*gestos de espanto geral á entrada de Cosme*).

COSME. Ora louvado seja nosso Senhor Jesus Christo, se estão bomzinhos é que eu estimo... Nada de incommodancias, n'um precisa alevantar porque eu cá não sou de politicas.

BARÃO (*a D. Julia*). Tenho a honra de lhe apresentar o Sr. Cosme...

COSME (*atalhando-o*). Natural dos Carvalhos, freguezia de S. Bento, concelho de Gaya...

BARÃO (*continua'o*). O Sr. Cosme Pedroso, seu cunhado, recém-chegado de Portugal...

D. JULIA. Meu cunhado... Estimo ter a ventura de o conhecer... (*comprimenta-o*).

BARÃO (*a D. Henriqueta*). Seu thio, chegado á pouco...

AUGUSTO E SOPHIA (*juntos*). Seu thio!

AUGUSTO (*bairo a D. Sophia*). Que linhagem!...

HENRIQUETA. Meu thio!... (*baixando os olhos*). Estimo muito...

COSME. O Sr. isto parece-me cantiga, pois o mano é casado?!... Pois que elle o dissesse lá para terra não consta!!

D. JULIA. O Sr. Cosme chegou á pouco?...

COSME. E' verdade que sim senhora, cheguei antes de hontem, na maurdita Cruz V, que trouxe patricios como trezentos... (*reparando em Henriqueta — mudando — Mas isto a modos que é chalaça!... rindo brutalmente*). O' mano. (*a Gilberto*) pois aquella (*designa D. Henriqueta*) é tua filha?!... (*Gilberto permanece mudo por um pouco, mas encontra os olhares do barão*).

GILBERTO. E' verdade!

COSME. Ah! minha sobrinha, que se tu fosses lá para

nossa aldêa eras uma rainha!... O mano não te tem contado, lá das esfolhadas, dos serões, das festas, das chulas ao desafio, das romanrias... (*entusiasmado*) e quando vai a tocar o Zépreira e o Zéprum!!!

D. HENRIQUETA. O papai nunca me contou isso...

COSME (*arremedando-a*). O' papai nunca mi cõntou issó... Olha como ella é tão bonitinha na preferencia daquellas expressões!... Malo o dianho me leve se lá a nossa mãi sabe que tem uma neta tão liró .. tão...

BARÃO (*dando-lhe uma cadeira*). Tenha a bondade...

COSME (*tomando a cadeira e sentando-se*). G' Sr. aquelle, eu já lhe disse que não uso de politigos... (*formão um círculo*). Mas voltando a baca fria: eu não se mi dava de apostar que a serandinha, a canna verde, e as outras; bem repenicandas na bauzarra e na rabeca davão capote em q'ualquer pianho cá da cidade?...

AUGUSTO (*baixo a D. Sophia*). Vou confundi-lo. (*alto*) Sim, dá capote Sr. Cosme, quando o magico instrumento...

COSME. Eim?... então a rabeca chama-se magico?

AUGUSTO. Fallo do piano, quando é dedelhalo por uma ahrpia que só toca de orelha e assim mesmo atrate a indignação d'Euterpe! mas quando é dedelhado por uma graça inspirada de Orphéu; arranca do teclado as notas sublimes dos immortaes Dizonetti, Verdi, Auber, Mozart, Paganini...

COSME. Eh!... tanto ni-ni, ni-ni, eu disse num pescu nada! (*a Gilberto*) O' mano tu sabes daquillo? Eh! lá! ficas quido?! (*ao barão*). A modos que se lhe está a prantar aquella dôr de cabeça como honte.

BARÃO. As dôres que apoquentão o seu irmão não são dôres de cabeça... são...

COSME. Si! são as dôres de istocracia?!...

GILBERTO. Continue, continue, affianço-lhe que gosto das suas fallas...

COSME. Suas? isso é chalaça — diz antes tuas— Ora pois: lá em Portugal já lá a familia pensava que tu num eras deste mundo, á cousa de uns dezoito annos para cá, nem nicles de cartas! mas eu que era fino como um raposo, dizia logo: Olhe Sra. mãi se o Gilberto num screve, é porque está podre de rico, e tem medo que lhe pessamos algumas

moedas, e parte dos filhos que vão pró Brasil quando apanho a fortuna ás unhas, nenja sequer fazem caso dos parentes...

AUGUSTO (*áparte*). Fatal verdade!...

BARAÕ Muitos ha dessa laia! Infelizmente...

COSME (*continuando*). ... E vai ôs pois dizem que num tem familia! A mãi levava-se aos quintos, arrimava com o pé no chão e dizia: O Gilberto num era capaz disso!... (*eu tamem pro hora num sei*) e demais é bô filho!... Fie-se lá nas bondades dos parentes... olhe: (*contando pelos dedos*) ó Zé Caniço filho eo Chico Desgraça, foi pró Rio no tempo em que a mama de Ingola Bangallo e da Africa toda, dava leite com abundancia (palavras do padre cura) aos traficantes de escravos; e elle lá ficou rico como um burro; casou-se, e pouco depois deu a alma ao demo, deixado as patacas só para mulata e prós filhos, o pai (coitado!!) consumia-se a escrever-lhe, mas qual: era malho em ferro frio... Depois recebeu notiça da morte do filho e o pobre do pai tamem morreu sem ter um vintemzinho, porque as demandas com o Regedor da Parochia comerão-lhe as terras! O Francisco Mazella, (*a Gilberto*) tu bem sabes: filho da Michaela Perpetua;—foi pró Pará no tempo da borracha ha *trinta e seis*, casou-se com uma caboicla que tinha bós cobres, tamem, e zás lá ficou agarrado como uma ostra no penedo...

AUGUSTO. É o Sr. Cosme, apenas lhe sorrir aquella menina que tem os olhos vendados, que traz o pé sobre uma roda, e que n'uma mão sustenta a bolsa e n'outra a navalha; tambem cria raizes por cá.

COSME. Oh! homes! falle portuguez que se intenda! Eu não sei patavina do que o Sr. está a dizer!...

BARAÕ. Quer dizer, que: se a fortuna o favorecer tambem fica por cá como o seu mano!...

COSME. S. Bento me valha!... Eu?!... eu ficar por aqui?!... não que eu disse ós meus, que, logo que tivesse quarenta contos punha-me a andar.

AUGUSTO. E quem será esse Pandora, esse Dédalo que lh'os fabricará?!

COSME. Ah! vem você outra vez... Eu não intenlo?!

D. SOPHIA. Quer elle dizer que os quarenta contos não se ganhão assim com tanta facilidade.

COSME. Devéras?!... (*puasa*). Pois então pobre por pobre, lá ao menos tenho bom pão de milho branco, bom caldo de tronchuda, carne cosida com salpicão ao domingo, bolo quentinho... Eh! que lá de fome não se morre!... E pois então se vim para cá foi fiado no meu irmão a ver se me arranjava um emprego por aqui... cousinha em que eu pudesse ganhar os *quarenta* e hir-me embora...

AUGUSTO (*ápartecom ironia*). Na empresa das agoas servidas...

GILBERTO. Hoje os empregos, Sr. Cosme...

COSME. Senhor?!... isso é chalaça! trata-me por Cosme porque eu ainda estou lembrado quando nos hianos carregar o carro de tojo e que tu te perdias: quando eu gritava: (*gritando*) O'... Gilberto... já cortas-te?... e tu gritavas: (*imitando uma voz longuíqua*). Eu estou cá num sei onde e...

BARAÕ. Não grite tanto...

COSME. Pois eu gritei?... não maginei que berra-se, e demais já disse que não uso politigas... (*a Gilberto*) mas que dizes tu a respeito do emprego, é Gilberto?...

GILBERTO. Gilberto?!...

BARAÕ (*a meia voz a Cosme*). Deve dar-lhe *excellencia*...

COSME. Insolencia?!... Que diabo é isso? é mais que patrão? é... é... lugar que dá cobres?...

BARAÕ (*como acima*). E' mais um poço para os dissipar... Aspira um titulo de commendador...

GILBERTO. E' verdade, terei mais essa honra...

COSME. Pois eu te protexto que tu num chupas nem sequer um *bosmecê* que dirá uma *insolencia*!...

AUGUSTO (*áparte*). Chamem-lhe estúpido...

D. JULIA (*áparte*). E' certo, entre irmãos não devem haver distincções, nem gerarchias.

GILBERTO. Como... como... homem obriga-lo-hei a respeitar-me.

D. JULIA (*áparte*). Orgulhoso!

COSME. Não que eu, num bim para ser seu galego, e se pensa que é grande cousa por ter muitos pintos; compre uma corda, e enforque-se com ella.

GILBERTO (*pondo-se a pé*). Senhor?!!

BARAÕ. Sê prudente Gilberto.

GILBERTO (*sentando-se com ironia*). Ah! ah! ah! não reflectia que argumentava com um rustico, ás vezes a gente exasperasse por qualquer bagatella...

COSME. Eu bem sabia que o Gilberto era bô rapaz... (*rindo-se*) ah! ah! ah! Zangar-se comigo?! isso era cantiga!

GILBERTO (*á parte*). Amanhã ver-me hei livre de ti!...

COSME. Mas sim. O' Gilberto, a respeito do emprego?...

GILBERTO. São mui difficultosos aqui na côrte.

COSME. Nanja sequer de socio na tua casa?... (*gargalhada geral*) De que estão se a rir?!... aqui a mana (*a D. Julia*) dá licença, (*a D. Henriqueta*), e a sobrinha tamem hade gostar dè mim!... Sei a historia de Carlos Magno de côr e salteada, a imperatriz Porcina, o testamento do gallo.... estão-se a rir a sarrafilia, eim?!...

BARAÕ. O seu irmão concordaria em toma-lo para socio... mas o commercio está em tal estado de inanimação, que nem convida a negocios; as quebras dão-se todos os dias, os negociantes roubão-se mutuamente; já não ha fé até com as companhias publicas, e até as determinadas pelo governo... Todavia eu proporcionar-lhe-hei um bom emprego na minha fazenda de café em Cantagallo, se acceita: será lá fetior e dono....

COSME. Dono!!!

BARAÕ. E se se portar como deve...

COSME. ... Arranjo os quarenta!! E que tal vai o da violla?! (*quer abraçar o barão que o repelle suavemente*). Ora dê-me um abraço...

GILBERTO (*á parte*) Este bruto envergonha-me a toda a hora!

COSME (*a Gilberto*). Já vê que tenho onde ganhar, sem ser preciso ser seu socio, nem commendador, nem mesmo andar sujeito ataques de *istocracia*...

SCENA XII.

TODOS.

BENEDICTO (*entrando com uma bandeja com chicaras*).
Café, sim senhô.

COSME (*que se tem erguido*). O que é, o que é?...

AUGUSTO (*baixo a D. Sophia*). Que falta de civilisação!...

BENEDICTO. Isto é café prá branco.

COSME (*tirando uma chicara*). E eu sou preto?... Ora

chica. (*offerecendo ao barão*) ás suas ordens... (*o barão toma a chicara e agradece*). Tirando outra agora vai a mana que é mais velha : (*a D. Julia dando-lhe a chicara*) tome lá isso... queira arreceber (*a Gilberto*). O' mano, como é a graça da tua serva de Deus?...

BARÃO (*cortando a falla de Gilberto*). D. Julia Pedroso d'Avillar. (*D. Julia tem recebido a chicara agradecendo*).

COSME. Julia!! Oh! com trezentos... é um nome de princeza!... (*tira outra chicara que offerece a D. Henriqueta*). Tome lá sá petiza, que você está ahí com uma cara de quem como me quer arrimar um sobrinho, eim?! (*D. Henriqueta recebe sorrindo-se agradece*). Este agora é para a minha pessoa (*tira outra chicara*). O' moleque, (*chamando*) dá alli café ao teu senhor e aquella gente...

BENEDICTO (*obedecendo—á parte*). Ah! manêl, que se te pilho no zardim, tu toma testada!... (*acaba de servir*).

COSME (*pondo a chicara nos joelhos*). O' mano, tu não tens biscoitos, rigueifa, ou mesmo que seja pão muleti?...

D. JULIA (*chamando*) Benedicto: traz doces alli para o senhor...

BENEDICTO. Sim sinhá,]minha sinhá... (*á parte sahindo*) Burrego!...

COSME. Doces!!! Eh lá... (*a Benedicto*). Agora não traz só meia duzia...

AUGUSTO (*a meia voz a D. Sophia*). O Gilberto faz-se de mil côres...

COSME. Ora quem tal havia de dizer, o Gilberto por cá a trincar doces, e nós lá a comer bróa, sardinhas d'Ovar, caldo fresco, e d'unto... Eu tamem heide ter isto algum dia... Dá cá isso ó rapaz! *entra Benedicto com uma bandeja de doces.* Ora tome lá... (*Offerece ao barão depois de ter tomado da mão de Benedicto*) então... tire... (*o barão tira um*) então : um só? Quatro, ou cinco... vamos...

BARÃO. Agradecidissimo!...

COSME. Ai! o senhor uza politigas... Tome... (*tenta metter uma mão cheia de doces no bolso do barão*) é para trincar pelo caminho... (*o barão recuza — risada geral — excepto Gilberto*).

GILBERTO (*á parte*). E não me verei livre deste ladrão que me envergonha?!!

D JULIA (*a meia voz a Gilberto*). Gilberto, sê prudende, desculpa ss defeitos do teu irmão...

GILBERTO. Eu... eu, o que devo...

COSME. Paga, porque è honrado, isso è velho, e nem da familia dos Pedrosas era de esperar outra cousa!.. (*offerecendo doces a D. Julia*) O' mana... (*D. Julia agradece*) e voces... (*ao resto das pessoas*) ai! andão de fastio?! quem sabe se estamos em dia de jejum?... Ou então uzão a poligita da cebelidade... (*a Gilberto*) E tu?

GILBERTO. Estou farto de tudo!!!

COSME. Já se sabe: por cá nem ha falta de nada; nem da familia dos Pedrozas era de esperar outra cousa! (*pondo a bandeja e a chicara sobre os joelhos — os outros já tem acabado*) Ora pois, (*esfarellando doces na chicara até encher*) como já disse (*com a boca cheia*) se a cousa não correr bem dou ás trancas p'ra terra.. (*Benedicto vai a tirar a bandeja*) Deixa estar: quem tem pressa vai por terra; já tu querias leval-os para es empanzinar todos! (*Continuando.*) Temos que manducar, porque se não voltar o mal das vinhas...

AUGUSTO. E' verdade!.. Como vão as uvas lá por Portugal?

COSME. Oh! meu rico senhor, vão menos mal... vão assim assim... Depois que foi d'aquí uma receita, só fazem que prantar capa-roza ó pé dás videiras, e a tal exofração... ah! ah! ah!

BARAÕ. E os lavradores lucrão!..

COSME. Quem lucra são os droguistas do Porto que empingem as taes pedras verdes como diamantes, lá a gente das aldeas... Ora pois: Se não voltar o mal das vinhas havemos de ter este anno bastante uva no lagar... o milho tamem bota cada espiga, (*mede no braço*) que é isto, e graças a Deos, lá, ha com que passar (*acaba de comer — o moleque tira a chicara, e vaitam bem a tirar os doces*). Deixa estar, se queres dous toma lá...

BENEDICTO. Cá não se uza disso; não.

COSME. Ai, que'los todos, pois nanas! (*enche os bolsos, depois dá-lhe a bandeja*) Agora toma.

BENEDICTO (*recebe — sahindo pela E.*) Que manel tão estúpido!...

AUGUSTO (*a José— ironico*). O' José voltemos ao jardim; os zephiros da noute principião a soprar brandamente agitando com melancolia as copadas arvores!... (*Meditando as palavras*) Os passarinhos entoando lugubres trinados, annuncião a aproximação da esposa de Erebo!!!

BARAÕ. Basta. Sabemos que, tambem arranha na poesia... Vão, vão ao jardim, a frescura da noute convida.

AUGUSTO (*offerecendo o braço a D. Sophia*) Vamos, D. Sophia...

JOSE' (*o mesmo a D. Henriqueta*). Sra. D. Henriqueta... (*Vão sahindo.*)

COSME. Alto lá, não corraõ tanto!... e eu?! Esperem por mim... mas a quem heide arrastar?! (*A' D. Julia.*) O' mana dá cá a mão... (*Pauza.*) E então?... Eu tambem peço alguma cousa das cerimoniaes da politiga. (*Trava-lhe o braço.*)

D. JULIA. Jámais me atreveria a contestar a sua delicadeza... (*Vão sahindo os tres pares.*)

COSME (*mettendo a mão no bolso e tirando doces*). O' mana a como se vende o arratel disto, cá pelo Brazil?—é a... (*Sahem pela direita.*)

SCENA XII.

GILBERTO E O BARAÕ.

GILBERTO. Decididamente Sr. barão, quer humilhar-me. envergonhar-me constantemente... Vio-o... sabe quanto é grosseiro e estúpido o tal homem... esse meu irmão... portar-se d'aquella maneira n'uma casa de respeito!...

BARAÕ. Gilberto, não te quiz humilhar. nem envergonhar-te mas sim, fazer-te ver que não devias desprezar cõssim o teu irmão. Elle ignorante das taçanhas leis da *alta aristocracia*, e na tua posição; talvez que fosse mais amoroso para contigo do que tu és para com elle. E' teu irmão, Gilberto, e o sangue que gira em vossas veias é igual. Devias ser carinhoso para com elle, porque darias assim sublimes exemplos de moral a teus filhos. Deixa essa vaidade estulta que te consome, despreza esse orgulho que te não é proprio, e eu te juro que encontrarás sempre no barão do Carmo —

um amigo, um protector, um velho, enfim, — amante da igualdade e da modestia.

GILBERTO. Barão: sei de quantos favores lhe sou devedor; se não fosse o seu valioso auxilio, viviria ainda hoje na dependencia e no servilismo; mas acaso ignora V. Ex. que a sociedade em que vivo repara minuciosamente nestas scenas?... e que seria depois apontado como descendente de uma familia e de tão baixa linhagem...

BARÃO. E que te importa essa sociedade caprichosa?!...

GILBERTO. Oh!—o nome que possuo... enfim as estreitas relações que tenho contrahido nas grandes casas... os...

BARÃO. Bem, satisfar-te-hei ainda essa vaidosa razão; teu irmão irá para Cantagallo, mas estima-o, protege-o; é teu irmão!...

GILBERTO. Sim, barão, protejel-o-hei, mas longe de minha casa!... Percebe?...

BARTÃO. Percebo... percebo demais... E o teu guarda-livros... tua filha?

GILBERTO. Oh! não me falle nisso barão; é espedaçar-me a alma!

BARÃO. Como?! Pois propor-lhe a felicidade de sua filha; é magoal-o?!... Então não a ama.

GILBERTO. Amo, amo, e é por amal-a tanto que não queria vel-a ligado a um hom sem nome, sem dinheiro, e sem nobreza.

BARÃO. Fatal ambição é a tua Gilberto! .. Pois eu te juro pela minha honra que a cederás!

GILBERTO. Nunca! antes um suicidio!... Vejo que quer ser o meu carrasco! (*sai arrebatadamente pela esquerda, entra Benedicto e acende algumas luzes*).

BARÃO. Vai, vai pai sem coração, ambicioso sem limites; eu anniquillarei todos os teus castellos de ouro! (*sai pela direita*).

SCENA XIV.

BENEDICTO (*só*). Caso vai bom! desta vez senhô moço Zuzé ganha coração de nhánhá: ella ama senhô moço, sinhá velha quer bem aos dous, Sr. barão tambem anda morto por os ver casados, e... e... e o caso vai bom! Apenas elles estejam

palavrado ; Zás eu presento-me a pedi o promettido... e caso vai bom, oh! se vai. (*sai pela esquerda*).

SCENA XV.

D. JULIA , D. HENRIQUETA , BARAÕ , E JOSE'
(*entrão pela direita*).

BARAÕ. O Sr. Cosme?...

D. JULIA. Ficou conversando com o Sr. Augusto dos Santos.

BARAÕ. D. Julia, sabe o motivo que me obrigou a traze-la a este lugar?...

D. JULIA. Ignoro Sr. barão...

BARAÕ. Primeiro: pedir-lhe desculpa da minha ousadia, segundo: perguntar-lhe se reconhece no Sr. Silveira um moço honrado e virtuoso?...

D. JULIA. Durante o tempo que tem estado aos nossos serviços: deu sempre provas de ter recebido uma esmerada educação, e...

JOSE'. Oh! senhora!...

BARAÕ. Bem. D. Julia concorda exactamente comigo. E' laborioso é honrado: é o melhor marido com que um pai pôde dotar a sua filha, D. Julia consente na união do Sr. Silveira com a Sra. D. Henriqueta?...

D. HENRIQUETA E JOSE'. Ah!!!

D. JULIA. Eu, de todo o coração... mas Gilberto!...

BARAÕ. Gilberto?... Esse fica a meu cargo.

D. HENRIQUETA E JOSE'. Quanto lhe somos agradecidos Sr. barão!...

BARAÕ. Nada dessas historias. Quem ama e quer casar: case-se, eu assim o entendo; mas no entanto urge que se sujeitem aquillo que eu fizer...

OS TRES. Tudo o que quizer Sr. barão...

BENEDICTO (*entrando assustado*). Sinhá!... nhânhá!... senhô moço Zuzé!... Sr. barão!...

TODOS. Falla, o que foi?!

BENEDICTO (*d'esperado*). Diabo!... que diabo!...

JOSE'. Então, o que aconteceu?!

BENEDICTO. Isto é brucharia que aqui anda...

BARAÕ (*dando-lhe um pontapé*). Anda desembucha logo de uma vez...

BENEDICTO. Ai! que bota de senhô barão é duro!...

BARAÕ. Então... queres outro?...

BENEDICTO. E' que meu senhô, está no quarto...

D. JULIA. O que fazendo?...

BENEDICTO. Carregando!... carre... gan... do uma pistolla!!!

Todos (*excepto o barão*). Jesus!!!

BARAÕ. Nada receiem: eu estou affeito a presenciar lances destes, que não passão de scenas de farça, seu irmão está ensaiando... ah ah ah! (*a D. Julia*) Benedicto, (*ao mo-leque*) chama o teu senhor.

BENEDICTO. Cá vou... bico da beta d'elle é duro!... (*áparte sahindo pela esquerda*).

SCENA XVI.

OS MESMOS, D. SOPHIA AUGUSTO E COSME (*os ultimos entrão pela direita*)

COSME (*vindo conversar com Augusto*)... Quaes... e você a dar-lhe com o mal das vinhas?!!!

AUGUSTO (*áparte*) Oh! que será isto?! que rostos baços?!.

D. SOPHIA (*o mesmo*). Meu Deus!!...

COSME. Eh! lá?! Que é isso? estão todos com caras de frade?...

AUGUSTO (*a meia voz a D. Sophia*). Temos aqui alguma trapalhada (*entra Gilberto pela esquerda depois Benedicto*).

SCENA ULTIMA.

TODOS.

GILBERTO. Chamou-me Sr. barão?...

BARAÕ. Sim, chamei-o.

GILBERTO. Ouvilo-hei.

BARAÕ. Chamei-o para pedir-lhe a mão de sua filha em nome do Sr. Silveira.

D. JULIA, COSME E AUGUSTO. Oh!....

GILBERTO. E' de balde tentar, barão: Nunca!

JULIA (*supplicante*). Gilberto?...

BARAÕ. Pois sua filha já é mãe.

HENRIQUETA E JOSE'. Sr. barão!!!

D. JULIA, D. SOPHIA E AUGUSTO. Oh!....

COSME. Mãe?!...

GILBERTO (*com ironia diabolica*). E' mãe?... Embora...

D. JULIA. E a deshonra?... (*aos dous*). Ingratos!

GILBERTO. Uma onça de polvora e uma bala purificação as nodóas da deshonra !

COSME. Nada ! Uma vara de marmeleiro ! . . .

D. SOPHIA (*á parte*). Era por isso que se chamava desgraçada !

BARÃO (*á parte*). Eis o ultimo esforço ! (*alto*) Gilberto disponho de todos os capitaes que tenho em teu poder, e delles faço presente ao Sr. Silveira.

D. HENRIQUETA E JOSÉ Sr. barão.

GILBERTO (*depois de pensar*). Pois sejam felizes; caem-se, eu abençoarei a sua união (*gestos de alegria em todos*).

BETEDICTO (*a José*). Senhô moço cumpre sua palavra? . . .

JOSÉ Sim cumprirei.

AUGUSTO, D. SOPHIA, D. JULIA, COSME. Agora são felizes !

BARÃO (*trazendo Gilberto quasi á bocca da scena*). Eis ma's um typo que a sociedade nos offerece a nossa vista : Um pai insensivel ao amor filial, que não se curvaria á deshonra, mas que só se submette á força do magico talismana que os homens chamarão—ouro— !

GILBERTO. Barão essas palavras ! . . .

BARÃO São as do homem que estuda minuciosamente a immensa cohorte dos mais ou menos perigosos que abundão na sociedade. Mas o que lá vai, lá vai. Quero que em vez de um casamento se celebrem dous, o de minha filha e o da tua.

D. JULIA (*a José e Henriqueta*). São agora felizes ?

JOSÉ e HENRIQUETA. Oh ! muito !

AUGUSTO (*a José*). Tens agora inveja da minha sorte ?

JOSÉ Oh ! agora não.

COSME (*a um lado da scena*). Estou embashacado !

BARÃO Dei-lhes a felicidade, ou antes (*aponta José*) foi o apanagio do talento quem a ganhou ! Pois bem, se mereço o nome de *seu anjo tutelar*, se os salvei do inferno em que vivião para os transportar a um paraizo de venturas ; um abraço e uma reconciliação geral saldará as contas de nós todos ! (*José aperta á mão do barão e Henriqueta abraça D. Sophia ; o panno desce*).

